

# Ernest Hemingway

A QUINTA-COLUNA



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

Do mesmo autor:

Adeus às armas

A quinta-coluna

As ilhas da corrente

Contos (obra completa)

Contos – Vol. 1

Contos – Vol. 2

Contos – Vol. 3

Do outro lado do rio, entre as árvores

Ernest Hemingway, repórter: Tempo de morrer

Ernest Hemingway, repórter: Tempo de viver

Morte ao entardecer

O jardim do Éden

O sol também se levanta

O velho e o mar

O verão perigoso

Paris é uma festa

Por quem os sinos dobram

Ter e não ter

Verdade ao amanhecer

*Smel) (Smugway*  
— A QUINTA-COLUNA —

2ª edição

Tradução  
Ênio Silveira

**B**  
**BERTRAND BRASIL**

Rio de Janeiro | 2015

Copyright © 1940 by Ernest Hemingway, renovado em 1968 by Mary Hemingway  
Copyright renovado © 1999 by Hemingway Foreign Rights Trust

Título original: *The Fifth Column*

Capa: Angelo Allevato Bottino

Imagem de capa: untouchablephoto / Moment Open Collection /Getty Images

Editoração eletrônica da versão impressa: Imagem Virtual Editoração Ltda.

Preparação de texto: Veio Libri

Texto revisado segundo o novo  
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2015

Produzido no Brasil

*Produced in Brazil*

Cip-Brasil. Catalogação na fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros. RJ

H429q Hemingway, Ernest, 1899-1961  
A quinta-coluna [recurso eletrônico] / Ernest Hemingway; tradução Ênio Silveira. - 1.  
ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.  
recurso digital

Tradução de: *The fifth column*  
Formato: ePub  
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions  
Modo de acesso: World Wide Web  
ISBN 978-85-286-1977-5 (recurso eletrônico)

1. Teatro americano (Literatura). 2. Livros eletrônicos. I. Silveira, Ênio, 1925-1996. II.  
Título.

15-19923

CDD: 812

CDU: 821.111(73)-2

Todos os direitos reservados pela:  
EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA .  
Rua Argentina, 171 — 2º andar — São Cristóvão  
20921-380 — Rio de Janeiro — RJ  
Tel.: (0xx21) 2585-2070 Fax: (0xx21) 2585-2087

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendimento e venda direta ao leitor:  
mdireto@record.com.br ou (0xx21) 2585-2002

## Apresentação



## Com a guerra na alma

A Guerra Civil Espanhola estourou em 17 de julho de 1936, quando forças comandadas pelo General Francisco Franco, de tendência fascista, se levantaram contra o governo constitucional republicano. Um dos focos principais da guerra, Madri sofreu um cerco de três anos, com alguns dos mais intensos combates do conflito. A história conta que quatro colunas das forças golpistas avançaram sobre Madri e a mantiveram sob ataque. Havia, no entanto, uma força agindo dentro da cidade, transmitindo informações — indicando alvos para os bombardeios —, realizando atos de sabotagem e assassinatos. Era a chamada Quinta-Coluna, termo que passou a designar grupos ou indivíduos que atuam sub-repticiamente, num país ou num partido, a serviço de seus inimigos.

A *Quinta-Coluna*, única peça de teatro escrita por Hemingway, se passa nessa Madri cercada e submetida ao castigo dos canhões. Como muitos espíritos progressistas ao redor do mundo, Hemingway, profundamente antifascista, era simpático aos republicanos espanhóis e chegou mesmo,

segundo se conta, a atuar, se não na frente de batalha, no treinamento militar aos combatentes que defendiam o governo.

O caso de Hemingway com a Espanha não era somente político, mas também pessoal e afetivo. O seu amor pelo país já ficara mais do que explícito em romances como *O sol também se levanta* — seu primeiro livro e também aquele que o apresentou com enorme sucesso à crítica mundial e ao público, em 1926 — e seria afirmado numa de suas obras mais populares, *Por quem os sinos dobram*, escrita em 1939-1940, já sob o impacto da derrota dos republicanos e das atrocidades cometidas pelos franquistas — como o massacre-bombardeio de Guernica, uma vila de pescadores usada para testar a eficácia da força aérea de Hitler, grande aliado de Franco, e o assassinato-execução do poeta Federico García Lorca.

A Espanha foi a pátria que Hemingway adotou, apaixonado pela alegria do povo, tão solar e cheia de vitalidade, numa depressiva Europa pós-Primeira Guerra, e também pelas touradas, pela comida e mesmo pelo idioma espanhol. Vê-la tomada pelos fascistas causava-lhe uma dor extrema. Tão íntima era sua ligação com o país que a Guerra Civil até acabou com um casamento do escritor. Pauline Pfeiffer era a segunda esposa de Hemingway e católica devota. Até pelo tradicionalismo da sua família, apoiava o conservador Francisco Franco. Conta-se que as desavenças do casal começaram por causa dessa divergência política, e de fato o divórcio veio em 1940, logo após a guerra.

Para muitos, Hemingway passou a imagem do homem irrequieto, que só se sentia bem quando junto da violência — fosse a das caçadas ou das pescarias em alto-mar, fosse até mesmo a das guerras. No entanto, como em outros livros seus em que a guerra é cenário ou pano de fundo, a impressão mais forte é que ele abominava a matança indiscriminada e a corrosão de valores causada pelo instinto de sobreviver em ambiente tão brutal. Mesmo



seus guerreiros — aqui Philip, o protagonista de *A Quinta-Coluna* (como Robert Jordan, de *Por quem os sinos dobram*, o Coronel Cantwell, de *Do outro lado do rio, entre as árvores*, e Henry, de *Adeus às armas*) — formam um grupo de protagonistas-desiludidos, ou melhor, exauridos pela guerra.

Todos, em algum momento, confessam a alguém — na maioria dos casos à mulher que os acolhe amorosamente — ter testemunhado horrores. Alguns, através desse amor, se restauram intimamente; outros não têm mais saída. Neles não há mais idealismo; nenhum deles cultua o heroísmo sob fogo. Nenhum fala de uma guerra de episódios grandiosos; em nenhum momento há apologias, nem do nacionalismo nem do desempenho individual. O que resta? O vazio. Um vazio interior, onde deveria, quem sabe, haver uma alma, ou pelo menos um sentido de humanidade. O que há é um nada. Esse nada corrosivo, que continua devorando a vida, impedindo o amor, impedindo o ser de amar e de se entregar ao amor. Há o fantasma da alma a atormentar os indivíduos.

Philip e os demais personagens estão num hotel em Madri e a cidade é submetida a bombardeios incessantes. Mata-se e morre-se com displicência. Mesmo os que deveriam ser os heróis da história (mas não o podem ser até porque não possuem mais alma) cometem atos que, aos seus próprios olhos, são os mesmos que os cometidos pelos inimigos. Bem e Mal fundem-se, são indiscerníveis, e tudo se torna uma questão de sobreviver ou não. Então, ao que se apegar? Note-se que até mesmo os diálogos parecem, em sua maioria, privados de espírito ou de sentido. Há sentido em viver mais um dia? Para quê? E as falas então se tornam belicosas, um duelo, mas o que dizem nunca é tão importante quanto o que apenas tacitamente revelam: a dor, a privação, o vácuo no centro de tudo, o fantasma atormentado.

De certo modo, essa perda de rumos é o que torna *A Quinta-Coluna* e outras obras de guerra de Hemingway universais e capazes de ultrapassar as

circunstâncias em que foram escritas. Aqui não se fala somente de uma guerra que aconteceu no século passado, entre as forças comandadas por um general já há muito transformado em menos do que poeira e aquelas motivadas por ideais que se esfarelaram nas décadas seguintes. Aqui se focaliza, com a potência que só um Hemingway é capaz de conferir a um romance, o ser humano em meio a uma turbulência que envolve o amor, a vizinhança da morte, ou mesmo sua iminência, a busca de significados para a vida, o enfrentamento de dilemas que tramam, exatamente, sua desumanização. Em qualquer tempo e lugar, é esse o âmago da melhor Literatura.

Ernest Hemingway nasceu nos Estados Unidos em 21 de julho de 1899. Quando sua obra começou a se tornar conhecida do público, virou a referência de uma geração ainda chocada pela carnificina sem precedentes da Primeira Guerra Mundial — na qual Hemingway lutou, como voluntário, na Itália. Ganhou o Prêmio Pulitzer e o Nobel com *O velho e o mar*, respectivamente em 1953 e 1954. Em 2 de julho de 1961, suicidou-se com um tiro de espingarda na cabeça. Admirado por escritores como Gabriel García Márquez e muitos outros, que o chamavam de mestre, Hemingway, cuja obra, a exemplo de *A Quinta-Coluna*, mostra forte referência autobiográfica, é um dos escritores mais populares e mais conhecidos do século XX. Escritores e críticos destacam seu estilo contundente, a frase trabalhada para parecer não trabalhada, a contenção — seus personagens raramente dão vazão à própria angústia, não a esgotam, mas sim a transmitem, ainda, em carne viva — que faz o teor dramático explodir, como bomba de efeito retardado, nas entranhas do seu leitor. E, particularmente, reconhecem em Hemingway uma diabólica habilidade para cunhar diálogos. Todos esses elementos somados só poderiam fazer — e fazem — de *A Quinta-Coluna* mais uma leitura imperdível da obra de Ernest Hemingway.

Luiz Antonio Aguiar

## Prefácio



Esta peça foi escrita no outono e no início do inverno de 1937, quando todos estávamos prevendo uma grande ofensiva. Havia três importantes projetos de ataque para o Exército do Centro naquele ano, um deles tendo por objetivo a tomada de Brunete. Levado a termo, começou brilhantemente, mas resultou numa batalha terrivelmente sangrenta e inútil. Esperávamos agora que o primeiro dos outros dois se iniciasse. Isso acabou não ocorrendo, e me vali desse intervalo para escrever a peça.

Todos os dias éramos bombardeados pelos canhões postados à retaguarda de Leganés, nos contrafortes das colinas de Garabitas, e o Hotel Florida, onde vivíamos e trabalhávamos, foi atingido por mais de trinta e oito projéteis de grande poder explosivo. Por isso mesmo, se não gostarem da peça, posso botar a culpa nesse bombardeio infernal; se a acharem boa, direi que aqueles obuses de certa maneira me inspiraram a escrevê-la.

Quando me deslocava até a linha de frente, distante não mais do que mil e quinhentos metros de nosso hotel ao seu ponto mais próximo, eu sempre deixava os originais escondidos e protegidos nas dobras de meu colchão de campanha. Ao regressar, era muito agradável encontrar intactos tanto o quarto

quanto eles. Terminei sua redação e os remeti para fora do país pouco antes da tomada de Teruel.

É óbvio que escrevi a peça para tê-la produzida, mas um produtor faleceu logo depois de ter assinado um contrato comigo e viajado para a Califórnia a fim de escolher o elenco. O seguinte, tendo igualmente assinado um acordo, enfrentou problemas na hora de levantar financiamento. Relendo minha peça, achei que ela resistia bem à leitura, independentemente do que pudesse ocorrer quanto à sua montagem teatral. Um dia, quem sabe, aparecerá alguém que se disponha a enfrentar os problemas de sua produção.

O título da peça tem a ver com a afirmação das forças insurretas de que havia quatro colunas militares avançando na direção de Madri, no outono de 1936, e uma quinta, integrada por simpatizantes, que já se encontrava na capital e atacaria seus defensores pela retaguarda. Se muitos membros dessa Quinta-Coluna já estão mortos hoje, é oportuno recordar que morreram em refregas onde demonstraram ser tão perigosos e determinados quanto qualquer uma das baixas sofridas pelas outras quatro colunas.

As forças inimigas que avançavam sobre Madri não tinham o hábito de poupar seus prisioneiros. Da mesma forma, os membros da Quinta-Coluna que fossem apanhados dentro da cidade nas semanas iniciais da Guerra Civil eram também eliminados sumariamente. Com o correr do tempo, passaram a ser submetidos à Justiça e condenados a trabalhos forçados ou à morte, dependendo da gravidade dos crimes que houvessem cometido contra a República. Nos primeiros dias, entretanto, eram sempre fuzilados. Mereciam isso, pelas regras de luta, e por certo o esperavam.

Alguns defensores fanáticos da República Espanhola — note-se que fanáticos jamais conseguem trazer novos adeptos para as causas que defendem — criticarão minha peça pelo fato de ela deixar claro que os membros da Quinta-Coluna eram fuzilados. Dirão também (e já o disseram muitas vezes)

que ela não retrata adequadamente a nobreza e a dignidade da causa do povo espanhol. Em verdade, nem tenta fazer isso, pois muitas peças e novelas terão de ser escritas para alcançar tal propósito. As melhores delas só poderão vir a público quando a Guerra Civil tiver acabado.

Em suma: esta peça se ocupa apenas da contraespionagem em Madri, tem os defeitos de um texto escrito durante os tempos de luta e, se é que tem alguma moral da história, comprova ser impossível para alguém que pertença a determinadas organizações a manutenção de um mínimo de vida particular. Uma das personagens é uma moça chamada Dorothy, mas seu nome bem poderia ser Nostalgia.

Bem, talvez seja melhor que você comece logo a ler a peça e que eu termine de falar sobre ela. Só quero acrescentar que se os defeitos encontráveis são frutos de sua redação debaixo de fogo, tal circunstância lhe garantiu certa medida de vitalidade. Mas caberá a você, que vai lê-la, decidir sobre tal ponto. Sua perspectiva será muito melhor do que a minha.

Ernest Hemingway  
(1938)

# PRIMEIRO ATO



## CENA 1



São sete e meia da noite. Um corredor no primeiro andar do Hotel Florida, em Madri. Há um grande aviso em papel branco, com letras de forma escritas à mão, na porta do quarto 109, onde se lê em inglês: “Working: do not disturb”. DUAS JOVENS, acompanhadas de DOIS SOLDADOS em uniforme da Brigada Internacional, passam pelo corredor. Uma das jovens para e olha para o aviso.

### **PRIMEIRO SOLDADO**

Vamos. Não temos a noite toda.

### **JOVEM**

Que é que diz esse papel?

(O OUTRO CASAL já seguiu pelo corredor.)

### **SOLDADO**

Que importa?

### **JOVEM**



Não, leia para mim. Seja bonzinho. Leia em inglês.

**SOLDADO**

Veja que azar o meu! Peguei uma intelectual... Que vá para o inferno. Não leio coisa nenhuma.

**JOVEM**

Você não é bonzinho.

**SOLDADO**

Quem lhe disse que eu era?

*(Recua um pouco e fita-a, as pernas inseguras.)*

Será que eu pareço bonzinho? Você sabe de onde é que acabo de chegar?

**JOVEM**

Pouco me importa saber de onde é que você acaba de chegar. Vocês todos vêm de algum lugar horrível e voltam de novo para lá. Só lhe pedi que me lesse o aviso. Vamos, então, já que você não o quer ler.

**SOLDADO**

Está bem: vou ler para você. “Trabalhando: não perturbem.”

*(A JOVEM ri, um riso alto, áspero.)*

**JOVEM**

Acho bom arranjar um aviso como esse para mim também.

**CORTINA**

## CENA 2



Interior do quarto 109. Há uma cama com um criado-mudo ao lado, duas cadeiras cobertas de cretone, um armário alto com espelho e uma máquina de escrever sobre uma mesa. Ao lado da máquina, uma vitrola portátil. Um aquecedor elétrico está ligado e brilha vivamente, e uma jovem bela, alta e loira acha-se sentada numa das cadeiras, lendo, de costas para a lâmpada colocada sobre a mesa, ao lado da vitrola. Atrás dela, duas grandes janelas com as cortinas corridas. Vê-se na parede um mapa de Madri, e um homem com cerca de trinta e cinco anos, trajando uma jaqueta de couro, calças de veludo e botas muito enlameadas, está de pé olhando o mapa. Sem levantar os olhos do livro, a jovem, cujo nome é DOROTHY BRIDGES, diz, com voz de pessoa bastante educada:

### **DOROTHY**

Há uma coisa que você bem poderia ter feito, querido: limpar suas botas antes de entrar aqui.

(O homem, cujo nome é ROBERT PRESTON, continua a olhar o mapa.)

E me faça o favor de não pôr os dedos nesse mapa. Irá manchá-lo.

(PRESTON continua a examinar o mapa.)

Querido, você tem visto o Philip?

**PRESTON**

Que Philip?

**DOROTHY**

O nosso Philip.

**PRESTON**

*(Ainda olhando o mapa.)*

Nosso Philip estava no Chicotes com aquela moura que mordeu Rodgers, quando subi a Gran Via.

**DOROTHY**

Ele já estava fazendo alguma das suas?

**PRESTON**

*(Ainda olhando o mapa.)*

Ainda não.

**DOROTHY**

Mas fará. Ele é tão cheio de vida, tão espirituoso!

**PRESTON**

Os espíritos estão ficando terrivelmente azedos no Chicotes.

**DOROTHY**

Suas piadas são tão chatas, querido. Eu gostaria que Philip aparecesse por aqui. Estou com um tédio mortal.

**PRESTON**

Ora, não me venha com essa frescura de aluna do Vassar.

**DOROTHY**

Poupe-me de seus insultos, por favor. Não me sinto disposta a ouvi-los neste momento. E, além disso, não sou uma figura típica do Vassar. Não compreendi coisa alguma do que me ensinaram lá.

**PRESTON**

E você por acaso compreende alguma coisa do que está acontecendo aqui?

**DOROTHY**

Não, querido. Compreendo um pouquinho a respeito da Cidade Universitária, mas não muito. A Casa del Campo é um completo enigma para mim. E Usera... e Carabanchel. São horríveis.

**PRESTON**

Santo Deus! É por isso que me pergunto, às vezes, por que é que a amo.

**DOROTHY**

Também me pergunto isso, querido. Não creio que tenha realmente muito sentido. É apenas uma espécie de mau hábito que adquiri. Philip é muito mais divertido, muito mais *animado*.

**PRESTON**

Ele é muito mais animado, sem dúvida. Você sabe o que ele estava fazendo ontem à noite, antes de fecharem o Chicotes? Apanhou uma escarradeira e pôs-se a andar de um lado para outro, benzendo as pessoas com ela. Salpicando todo mundo com aquela porcaria... As chances eram de mais de dez contra um que ele acabaria levando um tiro.

**DOROTHY**

Isso nunca acontece com ele. Ah, eu gostaria tanto que ele passasse por aqui!

**PRESTON**

Não se desespere. Estará aqui assim que o Chicotes fechar.

*(Alguém bate à porta.)*

**DOROTHY**

É o Philip! Querido, garanto que é o Philip!

*(Abre-se a porta e entra o GERENTE do hotel. É um homenzinho moreno e rechonchudo, que coleciona selos e fala inglês de uma maneira peculiaríssima.)*

Oh, é o gerente!

**GERENTE**

Como está o senhor, muito bem, sr. Preston? Como vai a senhorita? Tudo bem, não é? Passei apenas para ver se não está sobrando alguma coisinha qualquer, que não queiram comer. Tudo bem? Todos estão absolutamente confortáveis?

**DOROTHY**

Tudo maravilhoso, agora que o aquecedor foi consertado.

**GERENTE**

Em matéria de aquecedor sempre temos problemas. A eletricidade é uma ciência ainda não dominada pelos operários. Além disso, nosso eletricista bebe até ficar completamente estúpido.

**PRESTON**

Esse tal eletricista nunca me pareceu muito inteligente.

**GERENTE**

Ele é inteligente. Mas a bebida. Sempre a bebida. No que bebe, perde a capacidade de se concentrar na eletricidade.

**PRESTON**

Então por que é que o conserva aqui?

**GERENTE**

E o eletricista do comitê. Francamente, é uma verdadeira catástrofe! Está agora no 113, bebendo com o sr. Philip.

**DOROTHY**

(Feliz.)

Então Philip está no hotel!

**GERENTE**

Está mais do que no hotel!

**PRESTON**

Que é que quer dizer com isso?

**GERENTE**

Difícil explicar isso diante de uma senhora.

**DOROTHY**

Telefone para o 113, querido.

**PRESTON**

Não farei isso.

**DOROTHY**

Então eu faço.

*(Apanha o fone da parede.)*

Ciento trece... Alô! Philip?... Não! Venha você para cá. Por favor. Sim. Está bem.

*(Recoloca o fone no gancho.)*

Ele já vem.

**GERENTE**

Seria preferível que não viesse.

**PRESTON**

Está tão ruim assim?

**GERENTE**

Pior. É muito inacreditável.

**DOROTHY**

Philip é maravilhoso. Mas de vez em quando anda em companhia de gente horrorosa. Por que será?

**GERENTE**

Volto mais tarde. Quem sabe, talvez, caso os amigos recebam muita comida e não consigam comer tudo, ela alegre minha casa, onde a família, constantemente com fome, não compreende a falta de comida. Muito obrigado outra vez. Adeus.

*(Sai pouco antes de PHILIP chegar, indo quase de encontro a ele no corredor. Fora da porta, ouve-se o GERENTE dizer:)*

Boa tarde, sr. Philip.

*(Uma voz grave responde, com a maior jovialidade:)*

**PHILIP**

Salud, Camarada Colecionador de Selos. Conseguiu algum selo valioso ultimamente?

**GERENTE**

*(Em tom baixo:)*

Não, sr. Philip. Tenho aqui gente vinda de países muito chatos ultimamente. É uma praga o que há de selos americanos de cinco centavos e franceses de três francos e meio. Precisamos é de camaradas da Nova Zelândia, que recebam cartas aéreas.



**PHILIP**

Oh, eles chegarão. É que estamos de fato numa época muito chata, os bombardeios prejudicam a temporada turística. Haverá muitas delegações quando os bombardeios diminuïrem.

(Numa voz em que não havia gracejo:)

O que é que você está querendo?

**GERENTE**

Sempre quero alguma coisinha...

**PHILIP**

Não se preocupe. Já está tudo arrumado.

**GERENTE**

Me preocupo um pouco, da mesma maneira.

**PHILIP**

Acalme-se.

**GERENTE**

Não deixe de ter cuidado, sr. Philip.

(PHILIP surge à porta, grandalhão, muito bem-disposto, usando botas de borracha.)

Salud, Camarada Bastardo Preston. Salud, Chateada Camarada Bridges. Como têm passado os camaradas? Permitam-me apresentar-lhes um camarada elétrico. Entre, camarada Marconi. Não fique parado aí fora.

(Um eletricista muito pequeno e inteiramente embriagado, vestindo um macacão desbotado, alpargatas e boina azul, chega à porta.)

**ELETRICISTA**

Salud, camaradas!

**DOROTHY**

Salud, ora bolas!

**PHILIP**

E eis aqui uma camarada mourisca. Pode-se até dizer a camarada moura, a quase inigualável camarada moura. Mas é tremendamente tímida. Entre, Anita.

(Entra uma prostituta moura, de Cueta. Tem pele escura, é bem-feita de corpo, cabelos muito crespos, aspecto rústico e nada tímida.)

**PROSTITUTA MOURA**

(Defensivamente:)

Salud, camaradas!

**PHILIP**

Esta é a camarada que mordeu Vernon Rodgers aquela vez e o pôs fora de combate por três semanas. Uma dentada pra valer!

**DOROTHY**

Philip, querido, será que você não podia colocar-lhe uma focinheira enquanto a camarada está aqui conosco?

**PROSTITUTA MOURA**

Não desaforo!

**PHILIP**

A camarada moura aprendeu inglês em Gibraltar. Um lugar encantador, Gibraltar. Tive lá, certa vez, uma experiência bastante incomum.

**PRESTON**

Não desejamos ouvi-la agora.

**PHILIP**

Você é tenebroso, Preston. E não está seguindo a linha correta do Partido. Essa fase de caras sombrias já passou, você sabe. Estamos agora, praticamente, num período de júbilo.

**PRESTON**

Se eu fosse você, não falaria de coisas que ignoro.

**PHILIP**

Está bem, mas não vejo por que ficarmos sombrios. Que tal oferecermos algo de beber a estes camaradas?

**PROSTITUTA MOURA**

(Dirigindo-se a Dorothy:)

Vocês têm bom lugar.

**DOROTHY**

É bondade sua.

**PROSTITUTA MOURA**

Como não ser evacuados?

**DOROTHY**

Oh, eu apenas me aguento como posso.

**PROSTITUTA MOURA**

E como comem?

**DOROTHY**

Nem sempre comemos muito bem, mas conseguimos algumas coisas enlatadas de Paris, pela mala diplomática da Embaixada.

**PROSTITUTA MOURA**

Trazem o que nessa mala da Embaixada?

**DOROTHY**

Você sabe: coisas enlatadas. *Civet de lièvre*. *Foie gras*. Tivemos alguns *Poulet de Bresse* realmente deliciosos. Por intermédio do Bureau.

**PROSTITUTA MOURA**

Zombando de mim?

**DOROTHY**

Oh, não! Claro que não. Nós comemos mesmo coisas como essas...

**PROSTITUTA MOURA**

Eu... somente sopa. Muito rala!

(Fita DOROTHY beligerantemente.)

Que é que há? Não gosta minha cara? Acha melhor do que eu?

**DOROTHY**

Claro que não. Sou, provavelmente, muito pior. Preston lhe dirá que sou infinitamente pior. Mas não precisamos nos comparar, não acha? Quero dizer, em termos de guerra e tudo o mais... Como você sabe, todos estamos trabalhando pela mesma causa.

**PROSTITUTA MOURA**

Arranco os olhos, se você acha melhor do que eu.

**DOROTHY**

(Em tom súplice, mas muito lânguido:)

Philip, por favor, fale com seus amigos e faça com que se sintam felizes.

**PHILIP**

Anita, vamos com calma, O.K.?

**PROSTITUTA MOURA**

O.K.

**PHILIP**

Anita, a Dorothy aqui é uma mulher encantadora...

**PROSTITUTA MOURA**

No nosso negócio, não existe mulher encantadora.

**ELETRICISTA**

(Levantando-se.)

Camaradas, me voy.

**DOROTHY**

O que foi que ele disse?

**PRESTON**

Ele disse que vai embora.

**PHILIP**

Não acredite nele. Ele sempre diz isso.

(Para o ELETRICISTA:)

Camarada, você deve ficar.

**ELETRICISTA**

Camaradas, entonces me quedo.

**DOROTHY**

O quê?

**PRESTON**

Ele diz que ficará.

**PHILIP**

É melhor assim, meu velho. Você não daria o fora e nos abandonaria, não é certo, Marconi? Não. Com um camarada eletricista, a gente pode contar até o fim.

**PRESTON**

Pois eu pensava que isso somente ocorresse com os sapateiros...

**DOROTHY**

Querido, se disser outra piada como essa, juro que deixo você na hora!

**PROSTITUTA MOURA**

Ouçam. Falatório o tempo todo. Não fazem mais nada. Para que viemos aqui?

(Para PHILIP:)

Você vai ficar comigo? Sim ou não?

**PHILIP**

Você diz as coisas de maneira tão direta, Anita!

**PROSTITUTA MOURA**

Quero uma resposta.

**PHILIP**

Pois bem, Anita. O negócio é este: negativo!

**PROSTITUTA MOURA**

Negativo? De fotografia?

**PRESTON**

Que bela associação de ideias: quarto escuro, negativo, fotografia! Vocês veem como ela é maravilhosa? É tão primitiva!

**PROSTITUTA MOURA**

Tirar minha fotografia? Acha eu espiã?

**PHILIP**

Não, Anita. Bote as coisas no lugar. Quis dizer apenas que não ficarei mais com você. E não é só agora. Quero dizer que a coisa mais ou menos se acabou.

**PROSTITUTA MOURA**

Você não fica comigo?

**PHILIP**

Não, minha linda.

**PROSTITUTA MOURA**

Fica com ela?

(Sacudindo a cabeça na direção de DOROTHY.)

**PHILIP**

Possivelmente não.



**DOROTHY**

Para ficar comigo, seria necessário discutir muita coisa antes.

**PROSTITUTA MOURA**

O.K. Então arranco os olhos dela.

*(Vai em direção a DOROTHY.)*

**ELETRICISTA**

*Camaradas, tengo que trabajar.*

**DOROTHY**

Que foi que ele disse?

**PRESTON**

Disse que precisa ir trabalhar.

**PHILIP**

Oh, não lhe deem atenção! Ele de vez em quando tem essas ideias extravagantes. É como uma *idée fixe*.

**ELETRICISTA**

*Camaradas, soy analfabetico.*

**PRESTON**

Ele diz que não sabe ler nem escrever.

**PHILIP**

Camarada, quero dizer-lhe com sinceridade que se todos nós aqui também não tivéssemos ido à escola, estaríamos metidos na mesma entaladela. Não se importe com isso, meu velho!

**PROSTITUTA MOURA**

(Para DOROTHY:)

O.K. Sim, creio que tudo está bem. Bola fora. Cheerio. Chin chin. Sim, O.K. mas quero dizer apenas uma coisa.

**DOROTHY**

Que coisa, Anita?

**PROSTITUTA MOURA**

Tem de tirar aquele aviso.

**DOROTHY**

Que aviso?

**PROSTITUTA MOURA**

Pendurado na porta. Trabalhando todo o tempo... não é justo.

**DOROTHY**

Desde os tempos do colégio, meu bem, sempre tive um aviso desses na porta do meu quarto, e nunca significou coisa alguma.

**PROSTITUTA MOURA**

Quer dizer que tira ele?

**PHILIP**

Claro que sim. Não é, Dorothy?

**DOROTHY**

Certamente.

**PRESTON**

De qualquer forma, você nunca trabalha...

**DOROTHY**

É verdade, querido. Mas posso começar a qualquer instante. E ainda pretendo terminar aquele artigo para a *Cosmopolitan*, assim que conseguir compreender as coisas um pouquinho melhor.

(Ouve-se um estrondo vindo da rua, seguido de um ruído sibilante. Outro estrondo logo depois. Ouve-se também barulho de tijolos e de aço caindo, bem como o espatifar de vidraças.)

**PHILIP**

Estão nos bombardeando de novo.

(Diz isso de maneira muito tranquila e sóbria.)

**PRESTON**

Filhos da puta!

(Há rancor e um quê de nervosismo em sua voz.)

**PHILIP**

Seria melhor que você abrisse as janelas, minha querida Dorothy. Já não há mais vidros para vidraças e, como você sabe, o inverno se aproxima.

**PROSTITUTA MOURA**

Vai tirar o aviso da porta?

(DOROTHY dirige-se à porta e retira o aviso, removendo também os percevejos com uma lixa de unhas. Entrega-o a ANITA.)

**DOROTHY**

Fique com ele. Eis aqui também as tachinhas.

(DOROTHY aproxima-se do aquecedor elétrico e desliga-o. Depois, abre ambas as janelas. Há um som como o acorde de um banjo gigantesco e um ruído que se aproxima como um trem vindo em direção às pessoas. A seguir, uma terceira e grande explosão, seguida, dessa vez, de uma saraijada de vidros partidos.)

**PROSTITUTA MOURA**

Você é boa camarada.

**DOROTHY**

Não. Não sou, mas gostaria de ser.

**PROSTITUTA MOURA**

Para mim, você é O.K.

(Estão de pé, lado a lado, sob a luz que vem do corredor pela porta aberta.)

**PHILIP**

Deixá-las abertas as preserva da concussão. A gente pode ouvir quando as granadas saem das baterias. Preste atenção à próxima salva.

**PRESTON**

Detesto estes malditos bombardeios noturnos.

**DOROTHY**

Quanto tempo durou o último?

**PHILIP**

Pouco mais de uma hora.

**PROSTITUTA MOURA**

Dorothy, não acha que devíamos ir para o abrigo?

(Há como que outro tanger violento de banjo — um momento de silêncio e, a seguir, a aproximação de um grande zunido, dessa vez muito mais perto, e, ao explodir do pertado, o quarto se enche de fumaça e de pó de tijolos.)

**PRESTON**

Que diabo! Eu vou descer.

**PHILIP**

Este quarto está realmente num excelente ângulo. Não estou brincando. Eu poderia mostrá-lo da rua.

**DOROTHY**

Acho que vou ficar aqui mesmo. Não faz diferença alguma o lugar onde a morte nos vem buscar.

**ELETRICISTA**

*Camaradas, no hay luz!*

*(Diz isso em voz alta e quase profética, pondo-se subitamente de pé e abrindo os braços.)*

**PHILIP**

Ele diz que não há luz alguma. Esse sujeito está se tornando realmente notável! Como um coro grego eletrificado.

**PRESTON**

Vou dar o fora daqui.

**DOROTHY**

Então, querido, quer fazer o favor de levar Anita e o electricista com você?

**PRESTON**

Vamos embora.

*(Saem no momento em que explode outro projétil. A explosão é realmente violentíssima.)*

**DOROTHY**

*(Enquanto escutam o barulho dos tijolos e dos vidros partindo, depois do impacto:)*

Philip, tem certeza de que o ângulo é realmente seguro?

**PHILIP**

É tão bom aqui quanto em qualquer outra parte. Exatamente isso. Seguro não é bem o termo, mas quem é que ainda se preocupa com segurança?

**DOROTHY**

Sinto-me segura em sua companhia.

**PHILIP**

Procure controlar isso. Essa frase é terrível.

**DOROTHY**

Mas é assim mesmo, que é que eu posso fazer?

**PHILIP**

Esforce-se ao máximo. Seja uma boa menina.

*(Ele dirige-se à vitrola e coloca a Mazurca em Dó Menor, Opus 33, nº 4, de Chopin. Ficam a ouvir a música ao clarão do aquecedor elétrico.)*

**PHILIP**

É uma música leve e antiquada, mas é belíssima.

*(Chega, então, até eles o violento ressoar de banjo dos canhões a atirar do monte Garabitas. Um projétil ruge atroadoramente e explode na rua sob a janela, lançando vivo clarão através dela.)*

**DOROTHY**

Oh, querido, querido, querido!

**PHILIP**

*(Tomando-a nos braços.)*

Será que você não poderia usar outro termo? Já ouvi você dizer isso a tanta gente!

*(Ouve-se a sirene de uma ambulância. Depois, no silêncio, a vitrola continua a tocar a Mazurca.)*

CORTINA



## CENA 3



Quartos 109 e 110 do Hotel Florida. As janelas estão abertas e a luz do sol inunda o ambiente. Há uma porta ligando os dois aposentos, tendo sido pregado sobre seu umbral um grande cartaz de guerra, de modo que, quando a porta se abre, a passagem é por ele bloqueada. Contudo, a porta pode ser aberta. Está aberta, agora, e o cartaz é como um grande biombo de papel colocado entre os dois quartos. Há um espaço de mais ou menos meio metro entre a extremidade inferior do cartaz e o assoalho. Na cama, no quarto 109, DOROTHY BRIDGES dorme. Na cama, no quarto 110, PHILIP RAW-LING acha-se sentado, olhando pela janela, de onde vem uma voz de homem a apregoar jornais. “El Sol! Libertad! El A.B.C. de hoy!” Ouve-se a buzina de um automóvel e, depois, o matraquear distante de uma metralhadora. PHILIP apanha o telefone.

### **PHILIP**

Mande subir os jornais da manhã, por favor. Sim. Todos eles.

(Olha em torno do quarto e, a seguir, pela janela. Fita o cartaz de guerra, que parece transparente no vão da porta, à luz do brilhante sol matinal.)

Não.

(Sacode a cabeça.)

Isso não me agrada; é muito cedo ainda.

(Batem à porta.)

Adelante!

(Ouve-se outra batida.)

Entre! Entre!

(Abre-se a porta. É o GERENTE, carregando os jornais.)

**GERENTE**

Bom dia, sr. Philip. Muitíssimo obrigado. Bom dia para o senhor, mesmo. Foi horrível a noite passada, hein?

**PHILIP**

Todas as noites têm sido terríveis. Horroras!

(Sorri.)

Deixe-me ver os jornais.

**GERENTE**

Trazem más notícias das Astúrias. A coisa está quase acabada lá.

**PHILIP**

(Olhando os jornais.)

Mas não aqui.

**GERENTE**

Não. Mas eu sei que o senhor sabe.

**PHILIP**

E como! Diga-me: quando tomei este quarto?

**GERENTE**

Então não se lembra, sr. Philip? Não se lembra de ontem à noite?

**PHILIP**

Não. Não posso dizer que me lembre. Diga aí alguma coisa, para ver se consigo.

**GERENTE**

*(Verdadeiramente horrorizado.)*

Mas o senhor realmente não se lembra de nada?

**PHILIP**

*(Alegremente:)*

Não me lembro de coisa alguma. Um ligeiro bombardeio ao anoitecer. Estive antes no Chicotes. Sim. Trouxe Anita comigo, para uma boa e honesta farrinha. Espero que não tenha tido qualquer problema com ela.

**GERENTE**

*(Sacudindo a cabeça.)*

Não, não. Não com Anita. sr. Philip, o senhor se lembra do que aconteceu com o sr. Preston?

**PHILIP**

Não. O que foi que houve com esse soturno pobre-diabo? Espero que não tenha tentado suicidar-se.

**GERENTE**

Lembra-se de tê-lo posto no olho da rua?

**PHILIP**

Joguei-o daqui de cima?

*(Olha, da cama, em direção à janela.)*

Há algum sinal dele lá embaixo?

**GERENTE**

Não. O senhor o botou para fora pela porta de entrada mesmo, ontem à noite, quando voltou do Ministério, muito tarde, depois que foi buscar o comunicado.

**PHILIP**

Cheguei a machucá-lo?

**GERENTE**

Teve que levar pontos. Alguns pontos.

**PHILIP**

E por que não impediu? Por que permite que coisas assim aconteçam num hotel decente?

**GERENTE**

Depois, o senhor tomou o quarto dele.

*(Com ar triste e desaprovador:)*

Sr. Philip! Sr. Philip!

**PHILIP**

*(Com entusiasmo, mas ligeiramente desconcertado:)*

Mas que belo dia, não?

**GERENTE**

Oh, sim! Um dia soberbo. Um dia para piquenique no campo.

**PHILIP**

E que foi que Preston fez? Ele é um bocado forte, como sabe, apesar de tão soturno! Deve ter sido uma briga sensacional!

**GERENTE**

Ele está noutro quarto agora.

**PHILIP**

Onde?

**GERENTE**

No 113, o seu antigo quarto.

**PHILIP**

E eu estou aqui?

**GERENTE**

Sim, sr. Philip.

**PHILIP**

E o que é aquela coisa horrível?

(Olhando o cartaz.)

**GERENTE**

É um cartaz patriótico muito belo. Muito sensível. Só que daqui o estamos vendo pela parte de trás.

**PHILIP**

E o que está encobrindo? Para onde dá essa porta?

**GERENTE**

Para o quarto da senhora, sr. Philip. Agora o senhor tem uma suíte de quartos interligados, como os recém-casados felizes. Eu venho ver se está em ordem tudo que o senhor deseja. Toque a campainha que eu venho. Parabéns, sr. Philip. Mais do que parabéns, sem dúvida.

**PHILIP**

E a porta pode ser trancada do lado de cá?

**GERENTE**

Sim, claro, sr. Philip.

**PHILIP**

Pois tranque-a, então, e mande que me tragam café.

**GERENTE**

Pois não, sr. Philip. Não fique zangado num dia bonito como este.

(E, a seguir, apressadamente:)

Por favor, sr. Philip, lembre-se também da má situação de comida em Madri. Se por acaso tiver alimento demasiado, qualquer espécie, incluindo qualquer latinha de qualquer coisa, em minha casa falta sempre comida. Família agora de sete pessoas, incluindo, o senhor não acreditaria, o luxo de uma sogra. Ela come de tudo. Tudo serve para ela. Também um filho de dezessete anos, antigamente campeão de natação. Do que os senhores chamam nado de peito. Com um corpo assim...

(Faz um gesto, para mostrar peito e braços enormes.)

Se come? O senhor não acreditaria. É campeão também de comer. O senhor devia ver. E esses são apenas dois dos sete.

#### **PHILIP**

Vou ver o que posso arranjar. Tenho de ir apanhar em meu outro quarto. Se houver algum chamado telefônico, mande que liguem para cá.

#### **GERENTE**

Obrigado, sr. Philip. O senhor tem um coração grande como a rua. Dois camaradas lá fora querem ver o senhor.

#### **PHILIP**

Diga-lhes que entrem.

(Durante todo esse tempo, DOROTHY BRIDGES, no quarto contíguo, dorme profundamente. Não despertou durante a primeira troca de palavras entre PHILIP e o GERENTE, mas apenas se mexeu um pouco na cama. Agora que a porta está fechada a chave, nada pode ser ouvido de um quarto para o outro.)

(Entram DOIS CAMARADAS em uniforme da Brigada Internacional.)

**PRIMEIRO CAMARADA**

Tudo bem. Ele fugiu.

**PHILIP**

Que é que você quer dizer com “ele fugiu”?

**PRIMEIRO CAMARADA**

Quero dizer que ele se foi, eis tudo.

**PHILIP**

(Rapidamente:)

De que modo?

**PRIMEIRO CAMARADA**

Gostaria que alguém me dissesse.

**PHILIP**

Não gosto de respostas como essa.

(Voltando-se para o SEGUNDO CAMARADA, em tom muito seco:)

E você, o que me diz?

**SEGUNDO CAMARADA**

Que ele deu o fora.

**PHILIP**

E onde estava você?



**SEGUNDO CAMARADA**

Entre o elevador e as escadas.

**PHILIP**

(Para o PRIMEIRO CAMARADA:)

E você?

**PRIMEIRO CAMARADA**

Junto à porta a noite toda.

**PHILIP**

E a que horas deixaram seus postos?

**PRIMEIRO CAMARADA**

Em hora nenhuma.

**PHILIP**

Convém que vocês pensem melhor. Sabem a que estão se arriscando, não sabem?

**PRIMEIRO CAMARADA**

Sinto muito, mas ele se foi. E isso é tudo.

**PHILIP**

Oh, não, isso é o que você pensa, meu rapaz.

(Toma o telefone e chama um número.)

Nueve, siete, cero, cero, cero. Antônio? Por favor. Sim. Ainda não está aí? Não. Mande vir apanhar dois homens, por favor, no quarto 113 do Hotel Florida. Sim. Por favor.

(Pendura o fone no gancho.)

**PRIMEIRO CAMARADA**

Mas tudo o que fizemos foi...

**PHILIP**

Não se apresse. Daqui a pouco você vai precisar de uma história muito boa.

**PRIMEIRO CAMARADA**

Não há qualquer outra história além da que lhe contei.

**PHILIP**

Não se apresse. Não se afobe. Apenas sente-se e procure lembrar-se bem de tudo. Lembre-se de que você o tinha aqui, neste hotel. E de que ele não podia sair sem que você o visse.

(Põe-se a ler os jornais. Os DOIS CAMARADAS permanecem de pé, soturnos.)

(Sem olhar para eles:)

Sentem-se. Ponham-se à vontade.

**SEGUNDO CAMARADA**

Camarada, nós...

**PHILIP**

(Sem olhá-lo:)

Não use essa palavra.

(Os DOIS CAMARADAS olham um para o outro.)

**PRIMEIRO CAMARADA**

Camarada...

**PHILIP**

(Pondo de lado um jornal e apanhando outro.)

Já lhe disse para não empregar essa palavra. Ela não soa bem em sua boca.

**PRIMEIRO CAMARADA**

Camarada Comissário, queremos dizer...

**PHILIP**

Poupe suas palavras.

**PRIMEIRO CAMARADA**

Camarada Comissário, o senhor deve ouvir-me.

**PHILIP**

Eu o ouvirei mais tarde. Não se preocupe, meu rapaz. Eu o ouvirei. Quando entrou aqui, você me pareceu metido a besta.

**PRIMEIRO CAMARADA**

Camarada Comissário, por favor, ouça-me. Quero contar-lhe tudo.

**PHILIP**

Você deixou escapar um homem que eu queria. Você deixou fugir um homem de quem eu necessitava. Você deixou fugir um homem que irá matar alguém.

**PRIMEIRO CAMARADA**

Camarada Comissário, por favor...

**PHILIP**

Por favor... Isso é coisa que se ouça da boca de um soldado?

**PRIMEIRO CAMARADA**

Não sou soldado profissional.

**PHILIP**

Quando você veste um uniforme, passa a ser soldado, queira ou não.

**PRIMEIRO CAMARADA**

Vim lutar por um ideal.

**PHILIP**

Vejam só que beleza! Agora, deixe-me dizer-lhes uma coisa: um sujeito vem lutar por seu ideal, mas fica apavorado durante um ataque. Não gosta do barulho ou de algo que o valha, e há homens que morrem... O sujeito não gosta do negócio... tem medo de morrer... e dá um tiro na própria mão ou

no próprio pé para cair fora o mais depressa possível, pois não aguenta mais. Bem, você será fuzilado pelo que fez, e seu ideal não irá salvá-lo, irmão.

**PRIMEIRO CAMARADA**

Mas sempre lutei bem. Nunca fingi ferimento algum.

**PHILIP**

Eu não disse isso. Estava apenas tentando explicar-lhe algo. Mas parece que não me fez entender. Eu estava pensando — compreende? — no que irá fazer o homem que você deixou fugir, e de que maneira eu o apanharei de novo num belo lugar como este, antes que ele mate alguém. Como vê, eu precisava muito dele, e precisava dele bem vivo. Mas você o deixou fugir!

**PRIMEIRO CAMARADA**

Camarada Comissário, se não acredita em mim...

**PHILIP**

Não, não acredito em você e não sou Comissário. Sou um policial. Não acredito no que ouço e muito pouco no que vejo. Que é que quer dizer *acreditar em você*? Ouça. Você está sem sorte. Preciso descobrir se você fez isso de propósito. E isso não me agrada.

*(Serve-se de um drinque.)*

E se você for esperto, isso tampouco lhe agradecerá. Mas, se você não o fez de propósito, o efeito é exatamente o mesmo. Há uma única regra quanto ao dever. A gente tem de cumpri-lo. E há somente uma coisa a respeito de ordens. ELAS TÊM DE SER OBEDECIDAS. Eu poderia, se dispusesse de tempo,

explicar-lhes que disciplina é bondade, mas acontece que não explico as coisas muito bem.

**PRIMEIRO CAMARADA**

Por favor, camarada Comissário...

**PHILIP**

Torne a empregar essa palavra e você me deixará puto da vida!

**PRIMEIRO CAMARADA**

Camarada Comissário.

**PHILIP**

Cale-se! Eu não tenho boas maneiras... compreende? Tive de usá-las tanto que me cansei delas. E me chateiam. Falarei com vocês quando estiver diante de meu chefe. E acabe com esse negócio de Comissário. Sou um tira. O que vocês me dizem agora não significa coisa alguma. Minha pele também está em jogo, compreendem? Se vocês não o fizeram de propósito, eu não me preocuparia muito. Preciso apenas ter certeza, entendem? Vou dizer-lhes uma coisa. Se vocês não o fizeram de propósito, dividirei a culpa com vocês.

*(Ouve-se uma batida na porta.)*

*Adelante.*

*(Abre-se a porta e aparecem dois GUARDAS DAS TROPAS DE CHOQUE, com uniformes azuis, capacetes de aço, empunhando fuzis.)*

**PRIMEIRO GUARDA**

Às suas ordens, meu comandante.

**PHILIP**

Leve estes dois homens para a segurança. Mais tarde vou conversar com eles.

**PRIMEIRO GUARDA**

Às suas ordens.

(O SEGUNDO CAMARADA dirige-se para a porta. Um GUARDA corre-lhe as mãos pelos flancos, de alto a baixo, para ver se ele está armado.)

**PHILIP**

Ambos estão armados. Tirem-lhes as armas e levem-nos.

(Para os DOIS CAMARADAS:)

Boa sorte.

(É acrescenta, sarcasticamente:)

Espero que se saiam bem.

(Saem os quatro e ouvem-se-lhes os passos pelo corredor. No quarto contíguo, DOROTHY BRIDGES mexe-se na cama, desperta, boceja e, estendendo o braço, puxa o cordão da sineta, dependurado junto da cama. PHILIP ouve a sineta tocar. Há uma batida em sua porta.)

**PHILIP**

Adelante.

(É o GERENTE, muito agitado.)

**GERENTE**

Dois camaradas levados presos.

**PHILIP**

Dois péssimos camaradas. Pelo menos um deles. Talvez o outro seja inteiramente inocente.

**GERENTE**

Sr. Philip, coisas demais estão acontecendo ao senhor nestes dias. Digo isso como amigo. Procure manter as coisas mais quietas. Não é muito bom tanta coisa acontecendo o tempo todo.

**PHILIP**

Não. Também acho que não. Apesar disso, está um belo dia, não? Ou não está?

**GERENTE**

Direi o que o senhor devia fazer. Num dia como este, o senhor devia fazer uma excursão e um piquenique no campo.

(No quarto contíguo, DOROTHY BRIDGES vestiu seu robe de chambre e calçou os chinelos. Desaparece no banheiro e, quando sai, está escovando os cabelos. Seus cabelos longos e claros são muito bonitos, e ela senta-se na cama, diante do aquecedor elétrico, a escová-los. Sem maquiagem, parece muito jovem. Torna a tocar a sineta e a CRIADA abre a porta. É uma mulherzinha de seus sessenta anos, com blusa azul e avental.)

**CRIADA (PETRA)**

¿Si puede?

**DOROTHY**

Bom dia, Petra.



**PETRA**

Buenos días, señorita.

(DOROTHY mete-se sob os lençóis e PETRA coloca a bandeja com o breakfast sobre a cama.)

**DOROTHY**

Não há ovos, Petra?

**PETRA**

Não, señorita.

**DOROTHY**

Sua mãe está melhor, Petra?

**PETRA**

Não, señorita.

**DOROTHY**

Você já comeu alguma coisa, Petra?

**PETRA**

Não, señorita.

**DOROTHY**

Apanhe uma xícara e tome já um pouco deste café. Depressa.

**PETRA**

Tomarei um pouco, depois que a *señorita* terminar. Foi muito feio o bombardeio ontem à noite?

**DOROTHY**

Que nada! Foi até *encantador*.

**PETRA**

Puxa! A *señorita* diz cada coisa terrível!

**DOROTHY**

Que bobagem, foi *encantador mesmo!*

**PETRA**

Em Progresso, no meu bairro, houve seis mortos num andar. Esta manhã, estavam retirando os corpos e removendo todo vidro quebrado que havia na rua. Não haverá mais vidraças neste inverno.

**DOROTHY**

Aqui, ninguém foi morto.

**PETRA**

O *señor* já está pronto para o *breakfast*?

**DOROTHY**

O *señor* não está mais aqui.

**PETRA**

Ele foi para o front?

**DOROTHY**

Oh, não! Ele nunca vai para o front. Apenas escreve sobre ele. Há outro senhor aqui.

**PETRA**

(Tristemente:)

Quem, señorita?

**DOROTHY**

(Alegremente:)

O sr. Philip.

**PETRA**

Oh, señorita! Que coisa terrível!

(Afasta-se, chorando.)

**DOROTHY**

(Chamando-a:)

Petra! Oh, Petra!

**PETRA**

(Resignadamente:)

Sim, señorita.

**DOROTHY**

(Feliz:)

Veja se o sr. Philip já se levantou.

**PETRA**

Está bem, senhora.

(Petra chega à porta do sr. Philip e bate.)

**PHILIP**

Entre.

**PETRA**

A senhora me pediu para ver se o senhor já se levantou.

**PHILIP**

Não.

**PETRA**

(Junto à outra porta:)

O senhor Philip disse que ainda não se levantou.

**DOROTHY**

Diga-lhe, por favor, Petra, que venha tomar café.

**PETRA**

(Junto à outra porta:)

A *señorita* pede para o senhor vir, embora nestes tempos haja pouca coisa para comer.

**PHILIP**

Diga à *señorita* que nunca tomo o *breakfast*.

**PETRA**

(Junto à outra porta:)

Ele diz que nunca come pela manhã, mas eu sei que ele come mais do que três pessoas juntas.

**DOROTHY**

Petra, ele é tão difícil! Diga-lhe, apenas, para não ser estúpido e vir aqui, por favor.

**PETRA**

(Junto à outra porta:)

Ela manda vir.

**PHILIP**

Ora, vejam só!

(*Veste um robe de chambre e chinelos.*)

São um tanto pequenos. Devem ser de Preston. Mas é um belo robe de chambre. Talvez me ofereça para comprá-lo.

(*Apanha os jornais, abre a porta e entra no quarto contíguo, escancarando a porta ao entrar.*)

**DOROTHY**

Entre. Até que enfim!

**PHILIP**

Não acha tudo isso um tanto quanto extravagante?

**DOROTHY**

Oh, Philip, meu cretinho querido. Onde é que você esteve?

**PHILIP**

Num quarto muito estranho.

**DOROTHY**

Como foi parar lá?

**PHILIP**

Não tenho a menor ideia.

**DOROTHY**

Você não se lembra de *coisa alguma*?

**PHILIP**

Lembro-me do aborrecimento de ter botado alguém para fora.

**DOROTHY**

Esse alguém era Preston.

**PHILIP**

Verdade?

**DOROTHY**

Sim, *bastante* verdade.

**PHILIP**

Devemos chamá-lo de volta. Eu não devia ter sido tão rude assim.

**DOROTHY**

Oh, não!, Philip. Não se preocupe. Ele se foi para sempre.

**PHILIP**

Frase horrível: para sempre.

**DOROTHY**

(Resolutamente:)

Para sempre e tudo o mais.

**PHILIP**

Frase pior ainda. Causa-me calafrios.

**DOROTHY**

Que é que você quer dizer com isso, querido?

**PHILIP**

Uma sensação tola que às vezes me domina, quando não sei se fiz uma burrice ou não depois de encher a cara.

**DOROTHY**

Você tem sempre esses tais calafrios?

**PHILIP**

Oh, sim. Uma vez ou outra. O pior de que me lembro foi quando tive meu quarto invadido por um batalhão de fuzileiros navais.

**DOROTHY**

Philip, sente-se aqui.

*(Philip senta-se na cama com extremo cuidado.)*

Philip, você vai me prometer uma coisa. Você não deve andar bebendo por aí, a esmo, sem qualquer objetivo na vida, sem fazer nada de útil. Você não quer bancar um *playboy* de Madri, quer?

**PHILIP**

Um *playboy* de Madri?

**DOROTHY**

Sim. Esses tipos que vivem no Chicotes. E no Miami. E nas Embaixadas, no Ministério, no apartamento de Vernon Rodgers, com aquela horrorosa Anita. Frequentar as Embaixadas, então, é realmente o fim! Philip, você não descerá a tanto, não é?

**PHILIP**



Mas que alternativa você me sugere?

**DOROTHY**

Muitas. Você podia fazer algo sério e decente. Podia fazer alguma coisa corajosa, sensata e boa. Você sabe o que lhe acontecerá, se continuar a arrastar-se de bar em bar, metendo-se com essa gente horrível? Você acabará levando um tiro. Um homem foi baleado, outra noite, no Chicotes. Foi terrível!

**PHILIP**

Alguém que conhecemos?

**DOROTHY**

Não. Apenas um pobre homem que estava pulverizando todo mundo com uma bomba de inseticida. Ele não pretendia fazer mal a ninguém. Mas alguém se ofendeu e o baleou. Eu estava lá, e foi muito deprimente. Ficou estendido de costas, o rosto muito cinzento, e estava tão alegre momentos antes. Ficamos todos detidos lá umas duas horas. A polícia cheirava revólver por revólver e mandou que não servissem mais qualquer espécie de bebida. Foi uma coisa horrível, Philip. Não cobriram o cadáver, e tivemos de mostrar nossos documentos a um homem, sentado numa mesa bem ao lado dele. Suas meias estavam imundas, os sapatos tinham as solas completamente gastas, e ele não usava sequer uma camiseta.

**PHILIP**

Pobre sujeito! Você sabe que a droga que hoje bebem por aí é veneno puro. Torna as pessoas inteiramente loucas.

**DOROTHY**

Mas, Philip, você não precisa passar por isso. E não precisa andar por aí, esperando que alguém lhe dê um tiro. Você podia ter alguma atividade política, ou militar, qualquer coisa boa e decente.

**PHILIP**

Não me tente. Não me torne ambicioso.

(Faz uma pausa.)

Não me abra novos horizontes.

**DOROTHY**

Foi uma coisa horrível o que você fez, na outra noite, com a escarradeira. Procurando armar uma pancadaria lá no Chicotes, deliberadamente provocando todo mundo, como me contaram.

**PHILIP**

E quem é que eu estava provocando?

**DOROTHY**

Não sei. E que importa quem? Você não devia provocar quem quer que fosse.

**PHILIP**

Não, talvez não. Mas pode acontecer que qualquer dia desses, sem que eu faça qualquer provocação, alguém me meta uma bala nas costas.

**DOROTHY**

Não fale de modo tão pessimista, querido, quando mal começamos nossa vida juntos.

**PHILIP**

Nossa...?

**DOROTHY**

Sim, nossa vida juntos. Oh, Philip, será que você não deseja ter uma vida longa, tranquila, feliz, num lugar assim como Saint Tropez ou, você sabe, algum lugar como Saint Tropez era, e fazer longas caminhadas, nadar, ter filhos, ser feliz e tudo o mais? Estou falando a sério. Por acaso não deseja que tudo isto aqui termine? Esse negócio de guerras, revoluções...

**PHILIP**

E teremos, ao *breakfast*, o *Continental Daily Mail*, brioche e geleia de morangos frescos?

**DOROTHY**

Claro, querido, teremos também *œuf au jambon*, e você poderá ler o *Morning Post*, se quiser. E todo mundo nos dirá *Messieur-Dame*.

**PHILIP**

O *Morning Post* já não circula mais, sabe?

**DOROTHY**

Oh, Philip, você é tão chato! Eu queria que tivéssemos uma vida feliz assim. Você não quer filhos? Eles podem brincar nos jardins de Luxemburgo,

rolar arcos, passear de barco.

**PHILIP**

E você poderá mostrar-lhes um mapa ou até mesmo um globo. Daremos ao menino o nome de Derek, o pior nome que conheço, e você poderá dizer: “Derek, eis aqui o *Wangpoo*. Siga, agora, o meu dedo e eu lhe mostrarei onde o papai está.” E Derek perguntará: “Mamãe, será que eu já vi o papai alguma vez?”

**DOROTHY**

Oh, não. Não será assim. Viveremos em algum lugar encantador, onde você possa escrever.

**PHILIP**

Escrever o quê?

**DOROTHY**

O que lhe agrada mais. Romances, artigos e um livro sobre esta guerra, talvez.

**PHILIP**

Seria um belo livro. Poderia enriquecê-lo... com ilustrações.

**DOROTHY**

Ou, então, você podia fazer pesquisas e escrever um livro sobre política. Alguém me disse que livros sobre política vendem *sempre*.

**PHILIP**

(Tocando a sineta.)

É, parece que sim.

**DOROTHY**

Você poderia estudar e escrever um livro sobre a dialética. Há sempre mercado para um novo livro sobre dialética.

**PHILIP**

No duro?

**DOROTHY**

Mas, Philip querido, antes de mais nada, você tem de começar aqui, agora, a fazer alguma coisa digna, abandonando inteiramente essa vida de *playboy*.

**PHILIP**

Engraçado, li isto num livro, mas nunca cheguei a descobrir se é verdade: a primeira coisa que uma mulher americana faz ao interessar-se por um homem é levá-lo a renunciar a alguma coisa... À bebida, a fumar cigarros Virgínia, a usar ligas, à caça, a qualquer besteira...

**DOROTHY**

Nada disso, Philip. *Você* é que constitui um problema muito sério para qualquer mulher.

**PHILIP**

Espero que sim!

**DOROTHY**

E não quero que você renuncie a coisa alguma. Quero que você adquira alguma coisa nova.

**PHILIP**

Ótimo.

(Beija-a.)

Farei isso. Agora, comamos alguma coisa. Preciso ir ao escritório e dar alguns telefonemas.

**DOROTHY**

Não vá, Philip.

**PHILIP**

Estarei de volta em pouco tempo, querida. E em seguida me transformarei num homem *seriíssimo*.

**DOROTHY**

Você sabe o que disse?

**PHILIP**

Certamente.

**DOROTHY**

(Muito feliz:)

Você disse querida.

**PHILIP**

Eu sabia que essa frescura era infecciosa, mas não imaginava que fosse contagiosa. Perdoe-me, meu bem.

**DOROTHY**

Meu bem me agrada muito.

**PHILIP**

Então, adeus, minha... doçura...

**DOROTHY**

Doçura! Oh, querido!

**PHILIP**

Até logo, camarada.

**DOROTHY**

Camarada! Que pena! Você tinha dito querida, antes.

**PHILIP**

Camarada é uma bela palavra. Acho que não devo gastá-la a três por dois.

**DOROTHY**

(Arrebatada:)

Oh, Philip! *Você está se desenvolvendo politicamente.*

**PHILIP**

Que Deus... seja o que ele for... nos proteja.

**DOROTHY**

Não blasfeme. Dá um azar danado!

**PHILIP**

*(Apressado e um tanto sombrio:)*

Adeus, minha querida, meu bem, minha doçura.

**DOROTHY**

Pelo menos você não me chamou de *camarada* desta vez...

**PHILIP**

*(Saindo.)*

Não. Como vê, estou me desenvolvendo politicamente.

*(Entra no quarto contíguo.)*

**DOROTHY**

*(Toca a sineta, chamando Petra. Fala-lhe, recostada confortavelmente nos travesseiros:)*

Oh, Petra, ele é tão espirituoso, tão cheio de vida, tão alegre! Mas não faz coisa alguma. Ele devia enviar despachos a algum estúpido jornal de Londres, mas, na Censura, dizem que não envia praticamente nada. Ele é um *achado*, depois de Preston, que estava sempre se referindo à sua mulher e aos filhos. Ele que volte para a mulher e os filhos, já que se mostra tão entusiasmado a



respeito deles. Aposto que ele não o fará. Esses homens, com mulheres e filhos, que estão na guerra! São o pretexto que usam para chegar às nossas camas e, depois, passam a ser a arma com que nos agridem. E que agressões! Não sei por que razão suportei Preston durante tanto tempo. Ele é tão sombrio! Sempre à espera de que a cidade caia e tudo o mais... sempre a olhar o mapa. Olhar sempre para um mapa é um dos hábitos mais irritantes que um homem pode adquirir. Não acha, Petra?

**PETRA**

Eu não compreendo, *señorita*.

**DOROTHY**

Oh, Petra, gostaria de saber o que ele está fazendo agora.

**PETRA**

Não deve ser nada de bom.

**DOROTHY**

Petra, não fale assim. Você é uma *derrotista*.

**PETRA**

Não sou, não, *señorita*. Não penso em política. Apenas trabalho.

**DOROTHY**

Bem, você pode ir agora, pois acho que vou dormir um pouco mais. Sinto-me tão sonolenta e feliz esta manhã!

**PETRA**

Espero que descanse bem, señorita.

(Sai, fechando a porta.)

(No quarto contíguo, PHILIP atende ao telefone:)

**PHILIP**

Sim. Está certo. Mande-o subir.

(Há uma batida na porta, e um CAMARADA em uniforme da Brigada Internacional entra. Faz uma continência perfeita. É um rapaz moreno, bonitão, de talvez vinte e três anos.)

Salud, camarada. Entre.

**CAMARADA**

Mandaram-me aqui, da Brigada. Disseram que me apresentasse ao senhor, no quarto 113.

**PHILIP**

Houve uma mudança de quarto. Tem uma cópia da ordem?

**CAMARADA**

Era uma ordem verbal.

(PHILIP apanha o fone; pede um número:)

**PHILIP**

Ochenta, dos, cero, uno, cinco. Alô, Haddock? Não. Haddock. Hake falando. Sim. Hake. Isso. Haddock?

(Volta-se para o CAMARADA:)

Qual o seu nome, camarada?

**CAMARADA**

Wilkinson.

**PHILIP**

Alô, Haddock. Você enviou um camarada chamado Wilkinson para as Booth Fisheries? Certo. MUITÍSSIMO obrigado. Salud.

*(Dependura o fone. Volta-se para o CAMARADA e estende-lhe a mão.)*

Prazer em vê-lo, camarada. De que se trata?

**CAMARADA WILKINSON**

Estou sob suas ordens.

**PHILIP**

Ah! Bem...

*(Parece bastante relutante a respeito de algo.)*

Qual a sua idade, camarada?

**CAMARADA WILKINSON**

Vinte anos.

**PHILIP**

Tem-se divertido bastante?

**CAMARADA WILKINSON**

Não estou metido nisto para me divertir.

**PHILIP**

Não. Claro que não. Foi apenas uma pergunta.

*(Faz uma pausa. Depois, aos poucos vai abandonando a relutância inicial; fala num tom bastante marcial:)*

Há uma coisa que preciso dizer-lhe. Nesta jogada em que estamos, você precisa andar armado para impor sua autoridade. Mas não deve usar a arma em circunstância alguma. Está bem claro isso?

**CAMARADA WILKINSON**

Nem em minha própria defesa?

**PHILIP**

Em circunstância alguma.

**CAMARADA WILKINSON**

Compreendo. E quais são suas ordens?

**PHILIP**

Desça e dê uma volta. Depois, retorne ao hotel, alugue um quarto e registre-se. Quando já tiver o quarto, informe-me o número dele e eu lhe direi o que fazer. Hoje, você deverá passar a maior parte do tempo em seu quarto.

*(Detém-se.)*

Dê uma boa caminhada. Poderá tomar um copo de cerveja, se quiser. Há cerveja hoje nas cantinas de Aguilar.

**CAMARADA WILKINSON**

Eu não bebo, camarada.

**PHILIP**

Perfeito. Excelente. Nós, da geração mais velha, temos certas manchas de vício que, a esta altura, dificilmente podem ser apagadas. Mas vocês são um exemplo para nós. Pode ir, camarada.

**CAMARADA WILKINSON**

Pois não, camarada.

*(Faz continência e sai.)*

**PHILIP**

*(Depois que ele se foi:)*

Coitado... Sim, senhor! Essa garotada me dá pena!

*(O telefone toca.)*

Alô! É ele quem fala. Bem. Não. Sinto muito. Mais tarde.

*(Coloca o aparelho no gancho... O telefone toca outra vez.)*

Alô! Oh, sinto muito, sinto realmente. Foi uma pena. Sim, sem dúvida. Sim. Mais tarde.

*(Desliga. O telefone toca novamente.)*

Alô. Oh, lamento muito. Sinceramente. Que é que você diz quanto a nos encontrarmos um pouco mais tarde? Não? Pois bem. Então venha cá e resolveremos logo o caso.

*(Ouve-se uma batida na porta.)*

Entre.

*(Entra PRESTON. Tem um esparadrapo sobre uma das sobrancelhas e não parece nada bem.)*

Sinto muito, já lhe disse.

**PRESTON**

De que vale isso? Ontem você procedeu como um canalha.

**PHILIP**

Certo. E, agora, que é que posso fazer?

(Fala de maneira bastante categórica:)

Já disse que sentia muito.

**PRESTON**

Bem, para começo de conversa você poderia tirar meu robe de chambre e meus chinelos.

**PHILIP**

(Tirando-os.)

Muito bem.

(Entrega-os a PRESTON.)

(Em tom pesaroso:)

Você não me venderia o robe? Gostei muito dele.

**PRESTON**

Não. E, agora, saia do meu quarto.

**PHILIP**

Será que temos de repetir tudo o que fizemos esta madrugada?

**PRESTON**

Se você não sair imediatamente, tocarei a sineta e farei com que o ponham para fora.

**PHILIP**

Isso é o que você pensa. Toque a sineta.

(PRESTON toca a sineta. PHILIP dirige-se ao banheiro. Ouve-se o ruído de água a jorrar. Há uma batida na porta e entra o GERENTE.)

**GERENTE**

Algum problema?

**PRESTON**

Quero que chame a polícia e faça com que esse homem seja retirado de meu quarto.

**GERENTE**

Calma, sr. Preston. Fiz a criada pôr suas coisas na mala agora mesmo. O senhor estará bem confortável no 114. Sr. Preston, o senhor é sensato o bastante para não chamar a polícia até aqui. Qual a primeira coisa que a polícia pergunta? “De quem são estas latas de leite? E estas latas de carne? Quem armazena café neste hotel? Que significa todo este açúcar no armário? E estas três garrafas de uísque? Que se passa aqui?” Sr. Preston, nunca chame a polícia para tratar de assuntos privados. Sr. Preston, eu lhe rogo.

**PHILIP**

(Do banheiro, em tom irônico:)

E estes três sabonetes, a quem pertencem?

**GERENTE**

O senhor compreende, sr. Preston? Em assuntos privados, a autoridade pública dá sempre interpretação errada. Há uma lei contra a gente ter essas coisas. É uma lei severa contra qualquer forma de armazenamento. É má interpretação policial.

**PHILIP**

(Do banheiro:)

Quem tem aqui três vidros de *eau de cologne*?

**GERENTE**

Está vendo, sr. Preston? Apesar de minha boa vontade, eu não posso chamar a polícia.

**PRESTON**

Querem saber de uma coisa? Vão para o inferno, vocês dois! Faça, pois, com que removam minhas coisas para o 114. Você não vale nada, Rawlings. Lembre-se de que eu lhe disse isso.

**PHILIP**

(Do banheiro:)

De quem são estes quatro tubos de creme de barbear?

**GERENTE**

Veja só, sr. Preston! Quatro tubos! É uma desgraça, sr. Preston!

**PRESTON**



Você não faz outra coisa senão pedir comida. Já lhe dei o bastante. Faça com que ponham minhas coisas nas malas e que as retirem daqui imediatamente.

**GERENTE**

Muito bem, sr. Preston, mas quero apenas deixar claro uma coisa. Quando, contra todas as minhas vontades, apresentei ligeira petição por alimento, desejava apenas excesso de quantidades...

**PHILIP**

*(Do banheiro, engasgado de tanto rir:)*

O que é que você está dizendo?

**GERENTE**

Estou dizendo ao sr. Preston que somente pedia o que lhe fosse desnecessário, e isso apenas porque carrego família de sete pessoas. Ouça, sr. Preston, minha sogra — tenho o luxo de manter uma — tem agora somente um dente na boca. O senhor entende. Um dente só. Com ele, come tudo e aprecia tudo. Quando esse dente se for, tenho de comprar dentadura completa, com a parte de cima e a parte de baixo, para ela comer coisas melhores. Dentadura que sirva para comer bifés, costeletas e aquele negócio chamado *salomillo*. Todas as noites eu lhe pergunto: “Como vai o dente, minha velha?” Penso, todas as noites, que, quando aquele dente se for, onde estaremos nós? Com dentes em cima e embaixo, todos os cavalos para o exército que restam em Madri não bastariam para matar sua fome. Eu lhe digo, sr. Preston, que nunca se viu mulher assim. Eu a conservo por luxo. Sr. Preston, será que o senhor não podia dispor de uma latinha qualquer que estivesse sobrando?

**PRESTON**

Arranje alguma coisa com o Rawlings. Ele não é seu amigo?

**PHILIP**

(Saindo do banheiro.)

Não há problema! Para o meu Camarada Colecionador de Selos, desapertarei uma lata de carne.

**GERENTE**

Oh, sr. Philip! O senhor tem um coração maior do que o hotel.

**PRESTON**

E duas vezes mais sujo.

(Sai.)

**PHILIP**

Está zangadinho, o nosso amigo!

**GERENTE**

O senhor tomou a senhorita dele. Ele ficou furioso. Cheio de dor de corno, como se diz.

**PHILIP**

Exatamente. Cheio de dor de corno. Procurei tratar disso ontem à noite. Mas não adiantou.

**GERENTE**

Ouçã, sr. Philip. Diga-me uma coisa. Quanto tempo vai durar a guerra?

**PHILIP**

Muito tempo, creio eu.

**GERENTE**

Sr. Philip, fico chateado de ouvir o senhor dizer isso. Já faz um ano. E isso não é nada engraçado.

**PHILIP**

Não se preocupe. Apenas se cuide!

**GERENTE**

O senhor também devia ter cuidado, sr. Philip. Eu sei de tudo. Não pense que não sei.

**PHILIP**

É preferível não saber de tudo. Mas, saiba o que souber, mantenha fechada essa velha boca, está bem? Desse modo não haverá problemas entre nós.

**GERENTE**

Mas tenha cuidado, sr. Philip.

**PHILIP**

Estou vivo, não estou? Aceita um drinque?

(Serve uísque com água.)

**GERENTE**

Eu jamais toco em álcool. Mas ouça, sr. Philip. Tenha mais cuidado. O do 105 é muito mau. O do 107 é muito mau.

**PHILIP**

Obrigado. Sei disso. Mas perdi a fera que eu tinha no 107. Deixaram que fugisse...

**GERENTE**

O do 114 não passa de um maluco.

**PHILIP**

Sem dúvida!

**GERENTE**

Ontem à noite, tentei entrar no 113 para o senhor, fingindo que me enganara. Eu sei.

**PHILIP**

Foi por isso que não me preocupei. Tinha alguém vigiando o maluco por mim.

**GERENTE**

Sr. Philip, tenha muito cuidado. Gostaria que pusesse um cadeado Yale na sua porta? Um cadeado grande? Do tipo mais forte?

**PHILIP**

Não. Um cadeado grande não serviria para nada. Nesta atividade, ninguém trabalha com cadeados fortes.

**GERENTE**

O senhor deseja alguma coisa especial, sr. Philip? Alguma coisa que eu possa fazer?

**PHILIP**

Não. Nada de especial. Obrigado por haver despachado o idiota daquele jornalista de Valência, que queria um quarto aqui. Já temos idiotas suficientes neste hotel, incluindo você e eu.

**GERENTE**

Mas eu o aceitarei mais tarde, se o senhor quiser. Eu lhe disse que se vagasse um quarto, eu o informaria. Se as coisas se acalmarem, posso recebê-lo mais tarde. Sr. Philip, cuide de si mesmo. Eu sei de tudo.

**PHILIP**

Não se preocupe. Tenho me saído bem. Só que fico meio deprimido, às vezes.

(Enquanto isso, DOROTHY BRIDGES levanta-se da cama, dirige-se ao banheiro, veste-se e volta para o quarto. Senta-se à máquina de escrever, mas levanta-se logo a seguir e coloca um disco na vitrola. É uma sonata de Chopin em lá bemol menor, Opus 47. Philip ouve a música.)

**PHILIP**

(Ao GERENTE:)

Desculpe-me um momento. Você não vai retirar as coisas dele? Se alguém me procurar, diga que espere, sim?

**GERENTE**

Vou dizer à criada para retirar as coisas.  
(*PHILIP dirige-se à porta de DOROTHY e bate.*)

**DOROTHY**

Entre, Philip.

**PHILIP**

Você se incomoda se eu ficar um instante com você, para tomar um drinque?

**DOROTHY**

Claro que não! Fique à vontade, por favor.

**PHILIP**

Eu gostaria de pedir-lhe duas coisas.

(*O disco parou. Vê-se que, no quarto contíguo, o GERENTE saiu e a CRIADA entrou, pondo-se a amontoar sobre a cama as coisas de PRESTON.*)

**DOROTHY**

Quais são elas, Philip?

**PHILIP**

Uma é mudar-se deste hotel, a outra é voltar para a América.

**DOROTHY**

Ora essa, seu descarado, seu impertinente! Você é pior do que Preston.

**PHILIP**

Insisto nos dois pedidos. Este hotel não é lugar para você. Estou falando sério.

**DOROTHY**

E eu que estava começando a ser feliz com você! Philip, não seja idiota. Por favor, querido, não seja idiota.

(Junto à porta aberta do quarto, vê-se o jovem CAMARADA WILKINSON em uniforme da Brigada Internacional.)

**WILKINSON**

(Para a CRIADA:)

O camarada Rawlings não está?

**CRIADA**

Entre e sente-se. Ele disse para esperar.

(WILKINSON senta-se numa cadeira, com as costas voltadas para a porta. No outro quarto, DOROTHY tornou a pôr o disco na vitrola. PHILIP levanta a agulha, e o disco fica girando no prato.)

**DOROTHY**

Você disse que queria um drinque. Aqui está.

**PHILIP**

Mudei de ideia.

**DOROTHY**

O que é que há, querido?

**PHILIP**

Você sabe que estou falando a sério. Você deve sair daqui.

**DOROTHY**

Não tenho medo dos bombardeios. Você sabe disso.

**PHILIP**

Não se trata dos bombardeios.

**DOROTHY**

Bem, então de que se trata, querido? Você não gosta de mim? Eu gostaria de fazê-lo muito feliz aqui.

**PHILIP**

Que é que posso fazer para que você dê o fora?

**DOROTHY**

Nada. Eu não irei.

**PHILIP**

Providenciarei para que você se mude para o Hotel Vitória.



**DOROTHY**

Você não fará nada disso!

**PHILIP**

Gostaria de lhe contar tudo.

**DOROTHY**

E por que é que não faz isso?

**PHILIP**

Há coisas que não posso confiar a ninguém.

**DOROTHY**

Mas, querido, isso não passa de uma inibição. Bastaria ir a um analista para resolver isso imediatamente. É tão fácil, tão divertido.

**PHILIP**

Você não tem jeito! Mas é muito bonita. Providenciarei sua mudança.

*(Põe de novo a agulha sobre o disco e dá corda na vitrola.)*

Lastimo ser tão sombrio.

**DOROTHY**

Cuide-se, querido. Tudo indica que seu fígado não está bem.

*(Enquanto o disco toca, vê-se que alguém se deteve fora da porta do quarto em que a CRIADA está trabalhando e o rapaz se acha sentado. O homem usa uma boina e uma espécie de uniforme. Apoia-se no batente da porta, para atirar com mais firmeza, e alveja o rapaz na nuca*

com uma pistola Mauser de cano longo. A CRIADA grita “Ai” e põe-se a chorar com o rosto enfiado no avental. PHILIP, ao ouvir o grito, empurra DOROTHY em direção à cama e acerca-se da porta empunhando uma pistola. Abrindo a porta, olha para ambos os lados, conservando-se protegido; depois, sai para o corredor e entra em seu quarto. Ao vê-lo empunhando a pistola, a CRIADA torna a gritar.)

**PHILIP**

Sou eu, sua idiota.

(Aproxima-se da cadeira onde jaz o corpo de Wilkinson, ergue-lhe a cabeça e deixa-a cair.)

Canalhas! Filhos da puta!

(DOROTHY seguira-o até a porta. Ele a empurra para fora.)

Saia daqui.

**DOROTHY**

Philip, o que é que há?

**PHILIP**

Não olhe para ele. Este homem está morto. Alguém o baleou.

**DOROTHY**

Quem o baleou?

**PHILIP**

Talvez ele tenha se suicidado. Mas isso não é da sua conta. Dê o fora daqui. Será que nunca viu um homem morto? Afinal, você não é uma correspondente de guerra ou algo que o valha? Dê o fora daqui e escreva um artigo. Isto não é da sua conta.

(E, a seguir, para a CRIADA:)

Tire depressa essas latas e garrafas daqui.

(Começa a lançar coisas das prateleiras do armário sobre a cama.)

Todas as latas de leite. Todas as carnes enlatadas. Todo o açúcar. Toda a água-de-colônia. Todos os sabonetes. Suma com isso. Temos de chamar a polícia.

CORTINA

FIM DO PRIMEIRO ATO

# SEGUNDO ATO



## CENA 1



Uma sala na chefia da Seguridad. Há uma mesa simples, nua, com exceção duma lâmpada velada por um quebra-luz verde. Todas as janelas estão fechadas, com as cortinas corridas. Atrás da mesa, acha-se sentado um homem de lábios muito cerrados, nariz aquilino e rosto ascético. Tem sobrancelhas muito grossas. PHILIP está sentado numa cadeira, ao lado da mesa. O homem de rosto aquilino tem na mão um lápis. Numa cadeira, diante da mesa, está sentado um HOMEM. Está chorando, e soluços profundos sacodem-lhe o corpo. ANTÔNIO (o homem de nariz aquilino) olha-o com vivo interesse. O interrogado é o PRIMEIRO CAMARADA do Primeiro Ato, Cena 3. Tem a cabeça descoberta, está sem a sua túnica, e o cinturão, que segura suas frouxas calças da Brigada Internacional, cai-lhe ao longo das pernas. Ao erquer-se a cortina, PHILIP põe-se de pé e fita o PRIMEIRO CAMARADA.

### **PHILIP**

(Com voz cansada:)

Gostaria de perguntar-lhe mais uma coisa ainda.

### **PRIMEIRO CAMARADA**

Não me pergunte. Por favor, não me pergunte. Não quero que me pergunte nada.

**PHILIP**

Você não estava dormindo?

**PRIMEIRO CAMARADA**

*(Com voz sufocada:)*

Estava.

**PHILIP**

*(Em tom muito fatigado e frio:)*

Sabe qual é a penalidade para isso?

**PRIMEIRO CAMARADA**

Sei.

**PHILIP**

Por que não disse isso logo no começo, poupando-nos uma porção de complicações? Eu não mandaria fuzilá-lo por isso. Mas, agora... estou simplesmente decepcionado com você. Acha que as pessoas fuzilam os outros por divertimento?

**PRIMEIRO CAMARADA**

Eu devia ter-lhe contado. Mas estava apavorado.

**PHILIP**

Sim, sem dúvida. Devia ter-me contado.

**PRIMEIRO CAMARADA**

Sei que devia, camarada Comissário.

**PHILIP**

*(Para ANTÔNIO, friamente:)*

Acha que ele estava dormindo?

**ANTÔNIO**

Como é que vou saber? Quer que eu me ocupe dele?

**PHILIP**

Não, meu Coronel, não. Queremos informações. Não nos basta uma simples confissão.

*(Para o PRIMEIRO CAMARADA:)*

Ouça, o que foi que você sonhou, quando adormeceu?

**PRIMEIRO CAMARADA**

*(Quase sufocado pelos soluços. Hesita. Depois, diz:)*

Não me lembro.

**PHILIP**

Faça um esforço. Não se afobe. Quero apenas ter certeza, compreende? Não tente mentir. Eu saberei, se você mentir.

**PRIMEIRO CAMARADA**

Lembro-me, agora. Encostado à parede, eu tinha o fuzil entre as minhas pernas. Agora me lembro...

(Engasga-se.)

No sonho... eu... eu pensei que era minha garota, e que ela estava fazendo em mim uma coisa... uma coisa um tanto engraçada... Não sei bem o que era. Foi somente um sonho.

(Engasga-se.)

**PHILIP**

(Para ANTÔNIO:)

Está satisfeito, agora?

**ANTÔNIO**

Não compreendo muito bem essa história.

**PHILIP**

Bem, creio que ninguém a compreende perfeitamente, mas ele, agora, me convenceu.

(Para o PRIMEIRO CAMARADA:)

Qual o nome de sua garota?

**PRIMEIRO CAMARADA**

Alma.

**PHILIP**

O.K. Quando você lhe escrever, diga que ela lhe trouxe muita sorte.

(Para ANTÔNIO:)



Quanto ao que me diz respeito, o senhor pode dispensá-lo. E ler o *The Worker*. Conhece Joe North. Tem uma garota chamada Alma. Possui uma boa folha de serviço na Brigada e adormeceu, deixando que um cidadão passasse por ele e baleasse um rapaz chamado Wilkinson, julgando que era eu. O que temos de fazer é dar-lhe muito café forte, para que se mantenha acordado, e recomendar que deixe de manter fuzis entre as pernas. Ouça, camarada, lamento se lhe falei duro durante o cumprimento de meu dever.

#### ANTÔNIO

Eu também gostaria de fazer algumas perguntas a ele.

#### PHILIP

Ouça, meu Coronel. Se eu não fosse bom nesta espécie de trabalho, dificilmente teriam permitido que eu o executasse durante tanto tempo. Não há nada errado com este rapaz. O senhor bem sabe que, entre nós, não existe ninguém que possa ser considerado absolutamente certo. Mas este rapaz é merecedor de confiança. Ele apenas caiu no sono, e eu não sou juiz, como o senhor sabe. Estou somente trabalhando para o senhor, pela causa, pela República, e por isto e aquilo. Tivemos um presidente na América chamado Lincoln, que, como o senhor sabe, comutou sentenças de prisioneiros que deviam ser fuzilados por dormir em seus postos. De modo que, penso, não seria mau se o senhor comutasse também a sentença desse rapaz. Ele vem, como é de seu conhecimento, do Batalhão Lincoln — que é um batalhão tremendamente bom. É um batalhão tão bom e já fez tais coisas que eu lhe amoleceria o coração se lhe falasse delas. Se eu pertencesse a ele, me sentiria decente e orgulhoso, em vez de sentir o que sinto fazendo o que faço. Mas não pertenço, percebe? Sou uma espécie de “tira” de segunda classe, que finge ser um jornalista de terceira... Mas, ouça, camarada Alma...

(Voltando-se para o prisioneiro:)

Se você tornar a dormir em seu posto, enquanto estiver trabalhando para mim, eu próprio o fuzilarei, percebe? Está ouvindo? E escreva isso à Alma.

**ANTÔNIO**

(Tocando uma campainha. Entram dois GUARDAS DA TROPA DE ASSALTO.)

Levem-no daqui. Você fala de maneira muito confusa, Philip. Mas tem ainda certa soma de crédito a seu favor.

**PRIMEIRO CAMARADA**

Obrigado, camarada Comissário.

**PHILIP**

Não me agradeça. Numa guerra, não se diz obrigado. Mas desta vez passa, percebe? Quando escrever a Alma, diga-lhe que ela lhe trouxe muitíssima sorte.

(O PRIMEIRO CAMARADA sai com os GUARDAS DA TROPA DE ASSALTO.)

**ANTÔNIO**

Bem, mas explique-me agora: esse homem que fugiu do quarto 107 e baleou o rapaz por engano, pensando que fosse você, quem é ele?

**PHILIP**

Oh, não sei. Papai Noel, talvez. Eles não têm nomes. São numerados em código: A de um a dez, B de um a dez, C de um a dez, e baleiam gente, explodem coisas e fazem tudo aquilo que você está cansado de saber. Trabalham arduamente, mas não chegam a ser muito eficientes. Matam uma

porção de gente que não deviam matar. O problema é que aprenderam tão bem as lições do antigo manual cubano que, a menos que se consiga apanhar um de seus contatos, nada se consegue. Ou se corta o mal pela raiz ou se perde tempo com panaceias. Pode corrigir-me, se eu me tornar confuso.

**ANTÔNIO**

E por que razão não enfrenta esse homem com força suficiente para liquidá-lo?

**PHILIP**

Porque não posso me dar ao luxo de fazer muito barulho e assustar os outros, que importam muito mais. Esse cara não passa dum reles assassino.

**ANTÔNIO**

É verdade. Mas há uma porção de fascistas nesta cidade de um milhão de habitantes, e eles agem traiçoeiramente. Os que têm coragem de agir. Devemos ter aqui, contando apenas os ativos, cerca de vinte mil.

**PHILIP**

Mais. Dobre isso. Mas quando a gente os apanha, eles não abrem a boca. Exceto os políticos.

**ANTÔNIO**

Políticos. Sim, políticos. Vi um deles caído ali naquele canto da sala, incapaz de pôr-se de pé, quando sua hora chegou... Outro, atravessou esta sala de joelhos, abraçou minhas pernas e beijou meus pés. Babava em minhas botas, quando tudo o que lhe restava fazer era simplesmente bater as suas...

Vi muitos homens morrerem, mas nunca vi um político que soubesse morrer bem.

**PHILIP**

Eu não gosto de vê-los morrer. Está tudo bem, para quem gosta do espetáculo. Mas eu o detesto e não sei como se possa aguentá-lo... Diga-me quem é que morre bem?

**ANTÔNIO**

Você sabe. Não banque o ingênuo.

**PHILIP**

Tem razão. Creio que sei.

**ANTÔNIO**

Eu podia morrer de modo satisfatório. Não peço a ninguém que faça algo impossível.

**PHILIP**

Você é um especialista. Ouça, Tônico. Quem é que morre bem, afinal? Vamos! Diga logo. Faz-lhe bem falar a respeito de sua profissão. Falar a respeito dela você sabe, pois o melhor que se faz, logo a seguir, é esquecer tudo. Simples, não é? Fale-me sobre o que ocorria nos primeiros dias do movimento.

**ANTÔNIO**

(Um tanto orgulhoso:)

Quer mesmo ouvir? Quer que me refira a alguém em particular?

**PHILIP**

Não. Conheço alguns casos em particular. Prefiro que você os classifique por tipos ou classes.

**ANTÔNIO**

Fascistas, fascistas de verdade, quando jovens — esses morrem muito bem. Às vezes, até com grande estilo. Estão enganados, mas têm muito estilo. Soldados, sim, a maioria deles tem classe para morrer. Quanto aos sacerdotes, você sabe que fui contra eles durante toda a minha vida. A Igreja nos combate. Nós combatemos a Igreja. Sou socialista há muitos anos. Somos o mais antigo partido revolucionário na Espanha. Mas, quanto a morrer...

*(Sacode a mão numa tríplice e rápida flexão de punho, que é o gesto espanhol de suprema admiração.)*

... padres. Mas me refiro a simples padres, não a bispos.

**PHILIP**

Mas, às vezes, matamos por engano, não é, Antônio? Quando agimos depressa demais, talvez. Ou, quem sabe, quando apenas erramos, já que todos cometemos erros a três por dois. Eu mesmo, ontem, cometi um pequeno erro. Diga-me, Antônio: você nunca matou por engano?

**ANTÔNIO**

Oh, sim. Certamente. Enganos. Oh, sim, enganos. Sim. Sim. Enganos bastante lamentáveis. Não foram muitos, porém.

**PHILIP**

E como morreram os que foram mortos por engano?

(Orgulhoso:)

Todos muito bem.

**ANTÔNIO**

Ah...

**PHILIP**

*(A exclamação soa como o ruído que um pugilista poderia fazer ao ser atingido no corpo por um golpe violento.)*

E neste negócio em que estamos agora... Como é mesmo o nome idiota que lhe dão? Contraespionagem. Isso nunca te irritou?

**ANTÔNIO**

(Simplesmente:)

Não.

**PHILIP**

Quanto a mim, irrita-me há bastante tempo.

**ANTÔNIO**

Mas não faz tanto tempo assim que você está nesta brincadeira.

**PHILIP**

Doze meses infelizes, meu caro. Neste país! E, antes disso, em Cuba. Já esteve em Cuba?

**ANTÔNIO**

Já.

**PHILIP**

Foi lá que me deixei envolver por tudo isto.

**ANTÔNIO**

Como foi que se deixou envolver?

**PHILIP**

Oh, pessoas que deviam ser mais sensatas do que realmente são começaram a confiar em mim. Talvez por isso mesmo, por elas parecerem mais sensatas do que na realidade eram, foi que comecei a merecer de sua parte uma espécie de confiança. Você compreende, não uma confiança total, mas moderada. Depois, confiam na gente um pouco mais, quando você age acertadamente. Aí, sabe, a gente também começa a acreditar na coisa. Finalmente, quando você se dá conta, já começou até a gostar da coisa... É uma sensação que não sei explicar muito bem.

**ANTÔNIO**

Você é um bom rapaz. Trabalha bem. Todos confiam muito em você.

**PHILIP**

Confiam demasiado, caramba! E sinto-me também cansado, e estou, no momento, preocupado. Sabe de que eu gostaria? Gostaria de não ter que matar qualquer outro filho da puta, fosse qual fosse a razão ou fosse ele quem fosse. Gostaria de não ter mais que mentir. Gostaria de saber quem sou ao

acordar. Gostaria de acordar no mesmo lugar, todas as manhãs, durante uma semana inteira. Gostaria de me casar com uma garota chamada Bridges, que você não conhece. E gostaria de me casar com ela porque possui as pernas mais longas, mais suaves, mais bem-feitas do mundo, e de não ter mais que ouvi-la me dizer que tudo isto não tem muito sentido. Eu gostaria ainda de ver como seriam nossos filhos.

**ANTÔNIO**

Ela é aquela loira alta que anda com o correspondente?

**PHILIP**

Não fale assim a respeito dela. Ela não é uma tal de loira alta com um tal de correspondente... Ela é a minha garota. E se falo demais e tomo o seu precioso tempo... ora, faça com que me cale. Você sabe que sou um sujeito extraordinário. Sei falar inglês britânico ou americano. Fui criado numa dessas línguas e me eduquei na outra. É disso que tiro o meu ganha-pão.

**ANTÔNIO**

(*Apaziguador:*)

Eu sei. Você está cansado, Philip.

**PHILIP**

Bem, agora estou falando americano. Bridges é igual. Só que não estou certo de que ela saiba falar americano. Ela aprendeu inglês na universidade, com algum aristocrata ordinário ou metido a literato, mas sabe o que é divertido? Eu gosto de ouvi-la falar. Não me importa o que ela diz. Como vê, agora estou mais calmo. Não bebi coisa alguma desde esta manhã, e estou



muito mais bêbado do que quando bebo, e isso é um mau sinal. Não é inconveniente que um de seus cooperadores relaxe um pouco, meu Coronel?

**ANTÔNIO**

Você devia é ir para a cama. Você está exausto, Philip, e tem muito trabalho pela frente.

**PHILIP**

Tem razão. Estou exausto e tenho muito trabalho a fazer. Estou aguardando o momento de encontrar um camarada no Chicotes. Chama-se Max. Tenho, e não exagero, muito trabalho a fazer. Esse tal de Max — creio que você o conhece —, apenas para mostrar como é um sujeito distinto, nem se dá ao cuidado de ter um sobrenome, ao passo que o meu é Rawlings, exatamente o mesmo que era quando comecei. O que prova que não fui muito longe neste negócio... Mas o que é mesmo que eu estava dizendo?

**ANTÔNIO**

Falava de Max.

**PHILIP**

Max. Isso mesmo. Max. Bem, ele já está um dia atrasado. Tem estado a navegar, há coisa de duas semanas — digamos, circulando, para evitar confusão — atrás das linhas fascistas. É a sua especialidade. É ele quem o diz, e ele não mente. Eu minto. Mas não neste momento. Seja lá como for, estou muito cansado, e também desgostoso com o meu trabalho, além de me sentir nervoso como um patife porque estou preocupado, e não sou de me preocupar facilmente.

## ANTÔNIO

Prossiga. Não seja temperamental.

## PHILIP

Ele diz, isto é, Max diz — com os diabos, como eu gostaria de saber onde ele está agora — que arranjou excelente posição estratégica, ou seja, um ótimo posto de observação. Ele os vê cair, e ainda diz que é um lugar errado. Um lugar daqueles! Bem, segundo ele, o alemão comandante da artilharia que nos cerca e bombardeia costuma ir até lá, bem como um político encantador. Você sabe, uma dessas peças de museu. Ele também vai lá. E Max pensa. E eu penso que ele é um fanático. Mas ele raciocina melhor. Eu raciocino mais depressa, mas ele raciocina melhor: acha que podemos agarrar esses caras. Agora, ouça com atenção, meu Coronel, e corrija-me imediatamente. Eu acho que essa história tem um tom romântico. Mas Max o diz — e ele é alemão e muito prático, e penetra por trás das linhas fascistas com a mesma facilidade com que a gente se barbeia ou coisa que o valha. Bem, *ele* diz que isso é inteiramente viável. E eu pus-me a pensar. Estou, neste momento, um tanto zozzo por não ter bebido nada durante tanto tempo. Pensei que talvez devêssemos suspender os outros planos em que estamos trabalhando — suspendê-los temporariamente — e apanhar esses dois sujeitos para você. Creio que o alemão não seja, para você, de muita utilidade prática, mas ele tem, na realidade, um alto valor de troca, e esse plano, de certo modo, seduz Max. Atribua isso ao nacionalismo, digamos. Mas se conseguirmos apanhar o tal outro cidadão, o político, você terá conseguido um trunfo, meu Coronel. Porque *ele é quente*. Quentíssimo. Ele vive fora da cidade, mas basta que você o obrigue a falar para ficar sabendo quem está dentro da cidade. Porque todos os agentes se comunicam com ele. Eu falo demais, não acha?

**ANTÔNIO**

Philip?

**PHILIP**

Sim, meu Coronel.

**ANTÔNIO**

Philip, vá agora ao Chicotes, embriague-se como um bom rapaz e realize o seu trabalho — e venha cá ou me telefone quando tiver novidades.

**PHILIP**

E como devo falar, meu coronel? Americano ou inglês?

**ANTÔNIO**

O que você quiser. Não diga bobagens. Mas agora se mande, por favor... Somos bons amigos e eu gosto muito de você, mas estou muito ocupado. Ouça: é verdade o que me disse sobre o tal posto de observação?

**PHILIP**

É.

**ANTÔNIO**

Que coisa!

**PHILIP**

Muito fantasiosa, porém. Terrivelmente, terrivelmente fantasiosa, meu Coronel.

**ANTÔNIO**

Vá-se embora, por favor, e comece a trabalhar.

**PHILIP**

E falo inglês ou americano?

**ANTÔNIO**

Que besteira é essa?

**PHILIP**

Então, falarei inglês. Sei mentir muito mais facilmente em inglês! É lamentável!

**ANTÔNIO**

VÁ-SE EMBORA! VÁ-SE EMBORA! VÁ-SE EMBORA!

**PHILIP**

Sim, meu Coronel. Obrigado pela breve e instrutiva palestra. Vou, agora, ao Chicotes. Salud, meu Coronel.

(Faz continência, consulta seu relógio e parte.)

**ANTÔNIO**

(Da mesa, acompanha-o com o olhar. Depois, toca a campainha. DOIS GUARDAS DA TROPA DE ASSALTO entram. Fazem continência.)

Tragam-me, agora, aquele homem que vocês levaram daqui antes. Quero conversar um pouquinho com ele, a sós.

CORTINA

## CENA 2



Uma mesa de canto no bar Chicotes. É a primeira mesa à direita, logo à entrada. A porta e a janela estão protegidas por sacos de areia até três-quartos de sua altura. PHILIP está sentado a uma mesa em companhia de ANITA. Um garçom aproxima-se deles.

**PHILIP**

Ainda resta algum uísque de barril?

**GARÇOM**

Nada resta de legítimo, exceto gin.

**PHILIP**

Gin bom?

**GARÇOM**

Rótulo amarelo, do Booth. O melhor.

**PHILIP**

Com bitter.

**ANITA**

Você não está mais amando alguém?

**PHILIP**

Não.

**ANITA**

Cometeu erro, erro sério, com aquela loira grande.

**PHILIP**

Que loira *grande*?

**ANITA**

Aquela loira grandona. Alta demais, uma torre. Grande como um cavalo.

**PHILIP**

Loira como um trival.

**ANITA**

Erro! Mulher grande. Erro grande.

**PHILIP**

O que a leva a pensar que ela é tão grande?

**ANITA**

Grande? É grande como um tanque. Vai ver só quando ela tiver bebê.  
Grande? É um caminhão Studebaker.

**PHILIP**

Eis aí uma palavra encantadora, Studebaker, tal como você a diz.

**ANITA**

Sim. Gosto mais dela do que qualquer outra palavra em inglês que conheço. Studebaker... É linda. Por que você não está amando?

**PHILIP**

Não sei, Anita. As coisas mudam, você sabe.  
(Consulta seu relógio.)

**ANITA**

Você costumava amar muito bem antes. É a mesma coisa.

**PHILIP**

Eu sei.

**ANITA**

Você gostava antes. Vai gostar de novo. É só tentar.

**PHILIP**

Eu sei.



**ANITA**

Quando a gente tem coisa boa, a gente não quer que ela se vá. Uma mulher é muita complicação. Estou na vida há muito tempo.

**PHILIP**

Você é uma moça excelente, Anita.

**ANITA**

Será que todos falam mal de mim porque mordi o sr. Vernon aquela vez?

**PHILIP**

Não. Claro que não.

**ANITA**

Juro, queria não ter feito aquilo.

**PHILIP**

Ora, ninguém mais se lembra disso.

**ANITA**

Sabe por que mordi ele? Todo mundo sabe que eu mordi, mas ninguém nunca me perguntou por quê.

**PHILIP**

E por que você o mordeu?

**ANITA**

Ele tentou tirar trezentas pesetas de minha meia. Eu ia fazer o quê?  
Dizer: “Sim, tira dinheiro. Está bem. Sirva-se”? Não. Eu mordi.

**PHILIP**

Teve toda a razão.

**ANITA**

Você acha? De verdade?

**PHILIP**

Acho.

**ANITA**

Oh, você é uma doçura, não tem dúvida! Mas me escuta: você não deve agora cometer um erro com aquela loira grande.

**PHILIP**

Sabe, Anita, acho que vou cometer, sim. É exatamente aí que está toda a complicação. Eu quero cometer um erro absolutamente colossal.

*(Chama o garçom; consulta o relógio. Para o garçom:)*

Que horas você tem?

**GARÇOM**

*(Olha o relógio, por cima do balcão, bem como o relógio de PHILIP.)*

A mesma hora que o senhor.

**ANITA**

Colossal, nenhuma dúvida.

**PHILIP**

Você não está com ciúmes?

**ANITA**

Não. Apenas ódio. Ontem à noite, procurei gostar. Disse O.K., todos são camaradas. Vem um grande bombardeio. Talvez todos morram. Todos deviam ser camaradas uns dos outros. Enterrar os ódios. Não ser egoísta. Amar um inimigo como a si próprio. Toda essa droga.

**PHILIP**

Você é tremenda.

**ANITA**

Mas essa espécie de sentimento não dura mais que uma noite. Esta manhã despertei e a primeira coisa que fiz foi odiar essa mulher. Odiei ela o dia todo.

**PHILIP**

Você sabe que não devia.

**ANITA**

Que é que ela quer com você? Ela apanha um homem como se colhe uma flor. Ela não deseja. Colhe apenas para pôr em seu quarto. Ela é

exatamente como você porque você também é grande. Ouça, eu gostaria de você mesmo que fosse um anão.

**PHILIP**

Não, Anita. Não exagere...

**ANITA**

Ouça bem. Eu gostaria de você mesmo que fosse doente. Eu gostaria de você mesmo que fosse seco e feio. Eu gostaria de você mesmo que você fosse corcunda.

**PHILIP**

Corcundas dão azar.

**ANITA**

Eu gostaria de você mesmo que você fosse um corcunda azarento. Gostaria de você mesmo que você não tivesse dinheiro. Você quer dinheiro? Eu ganho dinheiro.

**PHILIP**

Creio que essa é uma das poucas coisas que ainda não experimentei nesta vida que levo.

**ANITA**

Não estou brincando. Estou falando sério. Largue ela! Venha para onde você sabe que tudo é O.K.

**PHILIP**

Receio não poder, Anita.

**ANITA**

Mas experimente. Nada mudou. Você gostou antes; tornará a gostar. Sempre acontece assim quando um homem é homem.

**PHILIP**

Mas você vê que eu mudo. Não é que eu queira.

**ANITA**

Você não muda. Sei que você é bom. Agora já faz muito tempo que conheço você. Você não é do tipo que muda.

**PHILIP**

Todos os homens mudam.

**ANITA**

Não é verdade. Às vezes ficam cansados, querem ir embora, sim. Andam por aí, sim. Ficam furiosos, sim, sim. Tratam a gente mal, sim, muito. Isso é mudar? Não. Somente começar hábitos diferentes. E um hábito é tudo. Acontece o mesmo com todas as pessoas.

**PHILIP**

Eu compreendo. Sim, tem razão. Mas, como você percebe, trata-se, neste caso, de a gente encontrar alguém de nosso próprio feitio, e isso nos

perturba.

**ANITA**

Não é gente como você. É uma raça diferente de gente.

**PHILIP**

Não, é a mesma espécie de gente como eu.

**ANITA**

Ouçã, aquela loira grande já fez você ficar maluco. Você já não pode pensar direito. Já não é mais o mesmo, é como se fosse sangue e tinta. Eu pareço a mesma. Lata de sangue, lata de tinta. Muito bem. Ponha tinta nas veias, em vez de sangue. Que é que você ganha? Mulher americana!

**PHILIP**

Você é injusta com ela, Anita. Concordo que ela seja preguiçosa e mimada, e um tanto estúpida, e enormemente imatura. Mesmo assim, ela é muito bonita, muito amiga, muito simpática e um tanto inocente... e muito corajosa, ainda por cima.

**ANITA**

O.K. Bonita? Que é que você quer com a beleza, depois de satisfeito? Eu conheço você. Amiga? O.K., pode ser às vezes cordial, às vezes inimiga. Encantadora? Sim. Encantadora como a serpente com a lebre. Inocente? Você me faz rir. Rá-rá-rá! A gente é inocente até que provem que a gente é culpada. Corajosa? Corajosa? Você me faz rir de novo, se é que ainda tenho algum riso em minha barriga. Corajosa? Muito bem. Eu rio: rá-rá-rá! Que é que você faz

durante todo o tempo, nesta guerra, se ainda não sabe o que é ignorância e o que é coragem? Corajosa? Como a minha bunda...

*(Levanta-se da mesa e dá uma palmada no próprio traseiro.)*

Já disse tudo o que precisava dizer. Agora, vou embora.

**PHILIP**

Você está sendo muito dura com ela.

**ANITA**

Dura com ela? Eu gostaria de atirar uma granada de mão na cama em que ela está dormindo neste minuto. Vou dizer a verdade. Ontem à noite, tentei tudo aquilo. Todo aquele sacrifício. Toda aquela renúncia. Você sabe. Agora tenho somente um sentimento *saudável*. Eu a odeio.

*(Vai embora.)*

**PHILIP**

*(Para o GARÇOM:)*

Você não viu por aqui um camarada da Brigada Internacional perguntando por mim? Chamado Max? Um camarada com a cara meio quebrada aqui deste lado?

*(Põe a mão sobre a boca e o queixo.)*

Um camarada sem dentes na frente? Com umas gengivas pretas, que foi onde eles o queimaram com ferro em brasa? E com uma cicatriz aqui?

*(Corre os dedos pela parte inferior do queixo.)*

Não viu esse tal camarada?

**GARÇOM**

Não. Ele não esteve aqui.

**PHILIP**

Se esse tal sujeito der as caras, poderia pedir-lhe para ir ao meu hotel?

**GARÇOM**

Que hotel?

**PHILIP**

Ele sabe que hotel.

*(Caminha para a porta e olha para trás.)*

Diga-lhe que estive procurando por ele.

CORTINA



## CENA 3



Exatamente como o Primeiro Ato, Cena 3. Os dois quartos contíguos do Hotel Florida. Está escuro fora dos quartos e as cortinas estão corridas. Não há ninguém no quarto 110, cuja luz se acha apagada. O quarto 109 está vivamente iluminado, tanto pela lâmpada de cima da mesa quanto pela lâmpada principal do teto e pela lâmpada de leitura da cabeceira da cama. O aquecedor e o fogareiro elétrico estão ligados. DOROTHY BRIDGES, usando um suéter de gola rulê, saia xadrez, meias de lã e botas de cano alto, está preparando algo numa frigideira de cabo comprido, no fogareiro. Ouve-se um ruído distante de armas de fogo através das janelas encortinadas. DOROTHY toca a sineta. Não se ouve som algum. Ela toca novamente.

### **DOROTHY**

Oh, maldito electricista!

(Dirige-se à porta e a abre.)

Petra! O Petra!

(Ouve-se a CRIADA vindo pelo corredor. Chega ao quarto.)

### **PETRA**

Sim, señorita?

**DOROTHY**

Onde está o electricista, Petra?

**PETRA**

A *señorita* não sabe?

**DOROTHY**

Não. Que foi que houve? Ele ficou de vir consertar esta campainha!

**PETRA**

Ele não pode vir, *señorita*, pois está morto.

**DOROTHY**

Que é que está dizendo?

**PETRA**

Ele foi atingido, ontem à noite, ao sair durante o bombardeio.

**DOROTHY**

Ele saiu durante o bombardeio?

**PETRA**

Sim, *señorita*. Esteve bebendo um pouco e foi para casa.

**DOROTHY**

Pobre homenzinho!

**PETRA**

Sim, señorita. Foi uma pena!

**DOROTHY**

Como é que ele foi atingido, Petra?

**PETRA**

Alguém atirou nele de uma janela, dizem. Eu não sei. Foi o que me disseram.

**DOROTHY**

Mas quem?

**PETRA**

O pessoal da Quinta-Coluna. A gente que luta contra nós dentro da própria cidade.

**DOROTHY**

Mas por que iriam atirar nele? Ele era apenas um pobre operário.

**PETRA**

Podiam ver, pelas suas roupas, que ele era um trabalhador.

**DOROTHY**

Naturalmente, Petra.

**PETRA**

Foi por isso que atiraram nele. São nossos inimigos. Até mesmo meus. Se eu fosse morta, eles ficariam felizes. Seria uma pessoa a menos pertencente à classe trabalhadora.

**DOROTHY**

Mas isso é horróroso!

**PETRA**

Sim, señorita.

**DOROTHY**

É terrível! Você quer dizer que eles atiram em pessoas que sequer sabem quem são?

**PETRA**

Oh, sim. Eles são nossos inimigos.

**DOROTHY**

São pessoas terríveis!

**PETRA**

Sim, señorita.

**DOROTHY**

E o que faremos para arranjar um eletricista?

**PETRA**

Amanhã poderemos arranjar outro. Mas, hoje, estão todos fechados. Se a *señorita* não acendesse tantas lâmpadas, quem sabe o fusível não derreteria. Use apenas a luz de que a *señorita* necessita para enxergar.

(Dorothy apaga-as todas, menos a lâmpada de leitura junto à cama.)

**DOROTHY**

Agora não posso enxergar nem para cozinhar esta droga. Mas creio que seja melhor assim. Não dizia, na lata, se a gente podia esquentá-la ou não. Sairá, provavelmente, algo terrível!

**PETRA**

Que é que está cozinhando, *señorita*?

**DOROTHY**

Eu não sei, Petra. Não havia rótulo algum na lata.

**PETRA**

(Espiando a panela.)

Parece coelho.

**DOROTHY**

O que se parece a coelho é gato. Mas não creio que eles tivessem o trabalho de metê-lo numa lata e enviá-lo para cá de Paris, não acha? Podem, claro, tê-lo enlatado em Barcelona, enviado a Paris e, a seguir, mandado de avião para cá. Você acha que é gato, Petra?

**PETRA**

Se foi enlatado em Barcelona, a gente não pode dizer o que é!

**DOROTHY**

Oh, estou enjoada de tudo isto! Veja se você o prepara, Petra!

**PETRA**

Sim, *señorita*. Que é que devo colocar aí?

**DOROTHY**

*(Apanhando um livro e dirigindo-se à luz de leitura, a fim de estender-se sobre a cama.)*

Ponha qualquer coisa. Abra uma lata de alguma coisa.

**PETRA**

Isto é para o sr. Philip?

**DOROTHY**

Se ele vier.

**PETRA**

O sr. Philip não gostaria de qualquer coisa. Seria melhor escolher com cuidado para o sr. Philip. Uma vez, ele atirou no chão toda a bandeja do *breakfast*.

**DOROTHY**

Por quê, Petra?

**PETRA**

Foi alguma coisa que ele leu no jornal.

**DOROTHY**

Foi sobre Anthony Eden, provavelmente. Ele detesta Eden.

**PETRA**

De qualquer forma, foi uma coisa muito violenta para alguém fazer. Eu lhe disse que ele não tinha o direito de fazer isso. *No hay derecho*, disse-lhe eu.

**DOROTHY**

E o que foi que ele fez?

**PETRA**

Ajudou-me a apanhar tudo do chão e, depois, me deu um tapa aqui, quando eu estava abaixada. *Señorita*, não gosto de vê-lo nesse quarto aí ao lado. Ele não está à sua altura, *señorita*.

**DOROTHY**

Eu o amo, Petra.

**PETRA**

*Señorita!* Por favor, não se deixe vencer por uma coisa dessas. A *señorita* não arrumou o quarto dele nem fez a sua cama durante sete meses, como eu. *Señorita*, ele é ruim. Não digo que ele não seja um bom homem. Mas é ruim.

**DOROTHY**

Você quer dizer que ele é perverso?

**PETRA**

Perverso, não. Perverso é sujo, e ele é muito limpo. Toma banho sempre, mesmo com o tempo frio. Mesmo nos dias mais frios, ele lava os pés. Mas, *señorita*, ele não é bom. E não vai fazer a *señorita* feliz.

**DOROTHY**

Mas, Petra, ele me fez mais feliz do que qualquer outro jamais me fez.

**PETRA**

*Señorita*, isso não é nada.

**DOROTHY**

Não é *nada*? Que é que você quer dizer?

**PETRA**

Aqui todo mundo pode fazer isso!

**DOROTHY**

Vocês não passam de uma nação de pretensiosos! Será que terei de engolir toda essa conversa sobre suas proezas de *conquistadores* e tudo o mais?

**PETRA**

Eu só quis dizer que também há maldade por aqui. Um bom homem também possui isso, talvez... Sim, um homem realmente bom, como aquele com o qual fui casada, também tem disso. Mas *todos* os homens maus têm isso.



**DOROTHY**

Você repete o que eles dizem.

**PETRA**

Não, senhorita.

**DOROTHY**

(Intrigada:)

Você quer dizer que eles, realmente...?

**PETRA**

(Com tristeza:)

Sim, senhorita.

**DOROTHY**

Não acredito numa só palavra do que me diz! E você acha que o sr. Philip é, realmente, um homem mau?

**PETRA**

(Vivamente:)

Terrível!

**DOROTHY**

Oh, eu bem que gostaria de saber onde é que ele está agora!

(Chega, do corredor, um ruído de botas pesadas. PHILIP e TRÊS CAMARADAS em uniforme da Brigada Internacional entram no quarto 110, e PHILIP acende a luz. PHILIP tem a

cabeça nua, está todo molhado e seu aspecto é de completo desalinho. Um dos CAMARADAS é Max, o homem do rosto arrebatado. Está coberto de lama e, ao entrarem no quarto, ele se senta numa cadeira diante da mesa, voltado para o espaldar da cadeira, onde apoia as mãos e o queixo. Tem um rosto estranhíssimo. Um dos CAMARADAS traz um fuzil automático, de cano curto, pendurado no ombro. Outro tem uma longa pistola parabellum, Mauser, metida num coldre de madeira, atada à perna.)

#### **PHILIP**

Quero que bloqueiem esses dois quartos junto ao corredor. Qualquer pessoa que queira me ver, vocês a trazem aqui. Quantos camaradas vocês têm lá embaixo?

#### **O CAMARADA DO FUZIL**

Vinte e cinco.

#### **PHILIP**

Aqui estão as chaves dos quartos 108 e 111.

(Entrega uma chave a cada um.)

Conservem as portas abertas e fiquem bem perto delas, num local de onde possam observar o corredor. Não. É melhor que cada um apanhe uma cadeira e se sente dentro do quarto, em permanente observação de tudo o que se passa. Muito bem. Agora vão... camaradas!

(Eles prestam continência e saem. PHILIP aproxima-se do CAMARADA de cara estropiada. Põe a mão em seu ombro. Os espectadores já viram que ele está dormindo, mas PHILIP não notou isso.)

#### **PHILIP**

Max.

(MAX acorda, olha para PHILIP e sorri.)

Foi muito ruim a coisa, Max?

(MAX olha-o, torna a sorrir e abana a cabeça.)

**MAX**

Nicht zu schwer.\*

**PHILIP**

E quando é que ele vem?

**MAX**

Nas noites de bombardeio pesado.

**PHILIP**

E onde é que ele fica?

**MAX**

No telhado de uma casa que fica na ladeira da estrada para Extremadura.  
Há uma pequena torre nesse telhado.

**PHILIP**

Julguei que ele viesse para Garabitas.

**MAX**

Eu também.

**PHILIP**

E quando haverá outro grande bombardeio?

**MAX**

Esta noite.

**PHILIP**

Quando?

**MAX**

*Fiertel nach zwölf.\*\**

**PHILIP**

Tem certeza?

**MAX**

Você devia ver os projéteis! Todos no paiol. Mas, na verdade, são uns soldados muito relaxados. Se eu não tivesse esta cara, poderia ter ficado por lá e até acabar manejando uma arma. Talvez acabassem me colocando no Estado-Maior.

**PHILIP**

Onde foi que mudou de uniforme? Estive à sua procura em vários lugares.

**MAX**

Numa casa em Carabanchel. Há uma centena delas naquele trecho, desabitadas. Cento e quatro, creio eu. Entre as nossas linhas e as deles. Tudo correu bem lá. Os soldados eram todos jovens. O único perigo era que um oficial visse a minha cara. Um oficial saberia logo de onde vêm tais caras.

**PHILIP**

E agora?

**MAX**

Creio que podemos ir esta noite. Por que esperar?

**PHILIP**

Como é a coisa?

**MAX**

Lamacenta.

**PHILIP**

De quantos você precisa?

**MAX**

Dois, apenas: você e eu. Ou de quem quer que mande comigo.

**PHILIP**

Eu mesmo irei com você.

**MAX**

Ótimo. Agora, que tal se eu tomasse um banho?

**PHILIP**

Excelente! Vá tomá-lo.

**MAX**

Depois dormirei um pouco.

**PHILIP**

A que horas devemos partir?

**MAX**

Às nove e meia.

**PHILIP**

Então dará mesmo para você dormir um pouco.

**MAX**

Você me acordará?

(Dirige-se ao banheiro. PHILIP sai do quarto, fecha a porta e bate na porta do 109.)

**DOROTHY**

(Da cama:)

Entre.

**PHILIP**

Olá, querida.

**DOROTHY**

Olá!

**PHILIP**

Está cozinhando?

**DOROTHY**

Estava, mas fiquei chateada. Você está com fome?

**PHILIP**

Faminto.

**DOROTHY**

Está lá na panela. Acenda o forno e esquite a comida.

**PHILIP**

O que é que há com você, Bridges?

**DOROTHY**

Onde é que esteve?

**PHILIP**

Aí pela cidade.

**DOROTHY**

Fazendo o quê?

**PHILIP**

Apenas andando por aí.

**DOROTHY**

Você me deixou o dia inteiro sozinha. Desde o momento em que o pobre homem foi morto, nesta manhã, você me deixou sozinha. Fiquei esperando o dia inteiro. Ninguém passou para me ver, a não ser Preston, e ele é tão desagradável que tive de lhe pedir para sair. Onde você esteve?

**PHILIP**

Por aí.

**DOROTHY**

No Chicotes?

**PHILIP**

Sim.

**DOROTHY**

E você viu aquela moura horrível?

**PHILIP**

Oh, sim, a Anita. Ela lhe mandou lembranças.

**DOROTHY**



Que puta descarada! Você sabe o que fazer com as lembranças!  
(PHILIP despeja num prato um pouco do conteúdo da caçarola e prova-o.)

**PHILIP**

Que é isto?

**DOROTHY**

Sei lá.

**PHILIP**

Oh, mas está ótimo! Você mesma preparou?

**DOROTHY**

(Modestamente:)

Sim. Você gosta?

**PHILIP**

Eu não sabia que você sabia cozinhar.

**DOROTHY**

(Tímida:)

Verdade, Philip?

**PHILIP**

Palavra que está excelente! Mas que ideia foi essa de pôr arenque defumado nisto?

**DOROTHY**

Oh, maldita Petra! Ela abriu a lata errada!

(Há uma batida na porta. É o GERENTE. O CAMARADA do fuzil automático segura-o firmemente pelo braço.)

**CAMARADA DO FUZIL**

O camarada aqui disse que queria vê-lo.

**PHILIP**

Obrigado, camarada. Deixe-o entrar.

(O CAMARADA DO FUZIL solta o GERENTE e presta continência.)

**GERENTE**

É absolutamente um nada, sr. Philip. Passando pelo corredor com olfato aguçado produzido pela fome, senti cheiro de comida e parei. Instantaneamente fui apanhado por este camarada. Perfeitamente O.K., sr. Philip. Não é nada. Não se preocupe. Buen provecho, sr. Philip. Coma bem, madame.

**PHILIP**

Você chegou no momento exato. Tenho algo para você. Tome isto.

(Entrega-lhe com ambas as mãos a caçarola, o prato, o garfo e a concha.)

**GERENTE**

Não, sr. Philip. Não posso aceitar.

**PHILIP**

Mas deve, Camarada Colecionador de Selos!

**GERENTE**

Não, sr. Philip.

*(Apanhando tudo.)*

Não posso. O senhor me leva às lágrimas! Jamais poderia. É demais!

**PHILIP**

Camarada, nem mais uma palavra!

**GERENTE**

O senhor dissolve meu coração em sentimento. Sr. Philip, do fundo de meu coração eu lhe agradeço.

*(Sai, segurando o prato com uma das mãos e a caçarola com a outra.)*

**DOROTHY**

Philip, desculpe-me.

**PHILIP**

Se você não se importa, tomarei um uísque com água. Depois, você poderia abrir uma lata de carne e cortar uma cebola em fatias.

**DOROTHY**

Mas, Philip, querido, não suporto o cheiro de cebola!

**PHILIP**

É quase certo que isso não nos incomodará esta noite.

**DOROTHY**

Isso quer dizer que você não vai ficar aqui?

**PHILIP**

Tenho de sair.

**DOROTHY**

Por quê?

**PHILIP**

Com os rapazes.

**DOROTHY**

Sei o que isso significa.

**PHILIP**

Sabe?

**DOROTHY**

Sei. E muito bem.

**PHILIP**

Horrível, não?

**DOROTHY**

É odioso! A maneira como você desperdiça seu tempo e sua vida é não apenas odiosa, mas estúpida.

**PHILIP**

Logo eu, que sou tão jovem e promissor.

**DOROTHY**

É detestável você sair esta noite, quando podíamos ficar aqui e passar momentos encantadores como os de ontem.

**PHILIP**

O animal que há dentro de mim me obriga a isso.

**DOROTHY**

Ficarei alegre e tocarei a vitrola. Também beberei, mesmo que, depois, me dê dor de cabeça. Convidaremos uma porção de gente, se você quiser, uma porção de gente. Poderá ser uma noite barulhenta e cheia de fumaça de cigarros — tudo como você gosta. Você não precisa sair, Philip!

**PHILIP**

Venha cá e dê-me um beijo!

*(Ele a toma nos braços.)*

**DOROTHY**

E não coma cebolas, Philip. Se você não comer cebolas, terei mais certeza de que você me quer.

**PHILIP**

Muito bem. Não comerei cebolas. Você tem algum vidro de ketchup?

(Há uma batida na porta. É, de novo, o CAMARADA DO FUZIL, acompanhado do GERENTE.)

**CAMARADA DO FUZIL**

Este camarada está novamente por aqui!

**PHILIP**

Obrigado, camarada. Deixe-o entrar.

(O CAMARADA DO FUZIL presta continência e sai.)

**GERENTE**

Vim dizer somente que tudo está O.K., que não me ofendo com piadas, sr. Philip. Eu tenho senso de humor. O.K.

(Com tristeza na voz:)

Mas não se deve fazer piada com comida agora. Não desperdiçar humor nem comida, talvez, se a gente pensar bem. Mas está tudo certo. Aceito a brincadeira.

**PHILIP**

Apanhe duas latas dessas.

(Dá-lhe duas latas de carne, do armário.)

**DOROTHY**

De quem são essas latas?

**PHILIP**

Oh, creio que são suas.

**GERENTE**

Obrigado, sr. Philip. Essa foi boa piada, sem dúvida. Rá-rá! Dispendiosa, sim, talvez. Mas, obrigado, sr. Philip. Obrigado também para a senhorita.

(Sai.)

**PHILIP**

Ouçã, Bridges.

(Abraça-a.)

Não se importe comigo, se estou um tanto chato esta noite.

**DOROTHY**

Querido, a única coisa que quero é que você fique aqui. Quero que tenhamos algo assim como uma vida doméstica. É bom aqui. Eu poderia arrumar seu quarto e torná-lo aconchegante.

**PHILIP**

Eu me senti um tanto confuso esta manhã.

**DOROTHY**

Eu o arranjaria de tal maneira que você gostaria de viver nele. Você poderia ter uma cadeira confortável e uma estante, uma boa luz para leitura e quadros. Eu poderia arranjá-lo de modo que ficasse realmente agradável. Por favor, fique aqui esta noite e veja como isso pode ser bom.

**PHILIP**

Amanhã faremos isso.

**DOROTHY**

Por que não esta noite, querido?

**PHILIP**

Oh, esta é uma daquelas noites em que a gente sente que precisa sair, andar de um lugar para outro, ver gente. E, além disso, tenho um encontro.

**DOROTHY**

A que horas?

**PHILIP**

À meia-noite e quinze.

**DOROTHY**

Então volte para cá logo depois.

**PHILIP**

Está bem.

**DOROTHY**

Volte a qualquer hora que quiser.

**PHILIP**



No duro?

**DOROTHY**

Sim, por favor.

(Ele a toma nos braços. Afaga-lhe os cabelos. Inclina-lhe a cabeça para trás e beija-a. Há ruído de gente a gritar e a cantar, embaixo. Depois, ouvem-se os CAMARADAS cantar O Partidário. Cantam-no do começo ao fim.)

**DOROTHY**

É uma bela canção.

**PHILIP**

Você jamais saberá quão bonita ela é.

(Os CAMARADAS agora estão cantando Bandera Rosa.)

**PHILIP**

Conhece essa?

(Senta-se na cama, junto dela.)

**DOROTHY**

Conheço.

**PHILIP**

As melhores pessoas que conheci morreram por essa canção.

(No quarto contíguo, pode-se ver o CAMARADA de cara estropiada dormindo. Enquanto eles estiveram a conversar, ele terminou seu banho, secou suas roupas, tirou a lama delas e deitou-se na cama. Enquanto ele dorme, a luz brilha em seu rosto.)

**DOROTHY**

(Ao lado de Philip, na cama:)

Philip, Philip, por favor, Philip!

**PHILIP**

Como vê, não me sinto muito com vontade de fazer amor esta noite.

**DOROTHY**

(Desapontada:)

Isso é ótimo! Isso é encantador! Mas eu gostaria da mesma maneira que você apenas ficasse aqui comigo; apenas fique e tenha um pouco de vida doméstica.

**PHILIP**

Sinto muito, mas preciso mesmo ir. Palavra.

(Embaixo, os *CAMARADAS* estão cantando a canção do Comintern.)

**DOROTHY**

Essa é aquela que eles sempre tocam nos enterros.

**PHILIP**

Mas a cantam também em outras ocasiões.

**DOROTHY**

Philip, por favor, não vá embora!

**PHILIP**

(Estreitando-a em seus braços:)

Adeus.

**DOROTHY**

Não, por favor, por favor, não vá!

**PHILIP**

(Levantando-se:)

Ouçã, abra ambas as janelas, antes de ir para a cama. Não seria bom ter vidros quebrados, se houver um bombardeio ali pela meia-noite.

**DOROTHY**

Não vá embora, Philip. Por favor, não vá!

**PHILIP**

Salud, camarada!

(Não presta continência. Vai para o outro quarto. Embaixo, os CAMARADAS estão cantando de novo O Partidário. PHILIP, no quarto 110, olha MAX dormindo. Depois, aproxima-se e o acorda.)

Max!

(MAX acorda instantaneamente, olha em volta, pisca os olhos, ofuscados pela luz, e então sorri.)

**MAX**

Está na hora?

**PHILIP**

Está. Quer uma bebida?

**MAX**

(Levantando-se da cama, a sorrir e a apalpar suas botas que tinham ficado secando diante do aquecedor elétrico:)

Claro.

(PHILIP serve dois uísques e apanha a garrafa de água.)

Não o estrague com água.

**PHILIP**

¡Salud!

**MAX**

¡Salud!

**PHILIP**

Vamos.

(Embaixo, os CAMARADAS cantam a Internacional. DOROTHY BRIDGES está na cama, no quarto 109, os braços em torno dos travesseiros. Seus ombros estremecem, pois está chorando.)

CORTINA

## Notas

\* Não muito difícil. (N.T.)

\*\* Meia-noite e quinze. (N.T.)

## CENA 4



O mesmo que na Cena 3, mas às quatro e meia da madrugada. Ambos os quartos estão às escuras e DOROTHY BRIDGES dorme em sua cama. MAX e PHILIP passam pelo corredor. PHILIP abre a porta do quarto 110 e acende a luz. Olham um para o outro. MAX abana a cabeça. Estão ambos tão enlameados que são quase irreconhecíveis.

**PHILIP**

Bem, fica para outra vez.

**MAX**

Lamento muito.

**PHILIP**

Você não tem culpa. Quer tomar banho primeiro?

**MAX**

(A cabeça apoiada nos braços.)

Quero. Estou cansado demais.

*(PHILIP dirige-se ao banheiro. Depois sai.)*

**PHILIP**

Não há água quente. A única razão de vivermos nesta maldita ratoeira é que tínhamos água quente, mas agora nem uma gota saiu das torneiras...

**MAX**

*(Muito sonolento:)*

Estou muito triste por haver falhado. Eu estava certo de que eles viriam. Mas não vieram.

**PHILIP**

Tire a roupa e durma um pouco. Você é um oficial de reconhecimento estupendamente bom, e bem sabe disso. Ninguém conseguiria fazer o que você fez... Não é culpa sua que tenham adiado o bombardeio.

**MAX**

*(Completamente exausto:)*

Estou morrendo de sono. Estou com tanto sono que me sinto doente.

**PHILIP**

Não se preocupe. Vou botá-lo na cama.

*(Puxa-lhe as botas e ajuda-o a despir-se. Depois, faz com que desabe sobre a cama.)*

**MAX**

A cama está boa.

(Envolve o travesseiro com os braços e estende as pernas.)

Durmo com o rosto para baixo, a fim de não assustar ninguém pela manhã.

**PHILIP**

(Do banheiro:)

Tome a cama inteira. Vou dormir noutra quarto.

(PHILIP entra no banheiro e ouve-se o ruído da água, enquanto ele se lava. Sai de pijama e de robe de chambre, abre a porta que liga os dois quartos, encolhe o corpo por baixo do cartaz, dirige-se ao leito e mete-se nele.)

**DOROTHY**

Querido, você não está chegando tarde demais?

**PHILIP**

São quase cinco.

**DOROTHY**

(Muito sonolenta:)

Onde foi que você esteve?

**PHILIP**

Fazendo uma visita.

**DOROTHY**

(Que está ainda muito sonolenta:)

Você foi ao tal encontro?



**PHILIP**

(Rolando para um dos lados da cama, a fim de que ambos pudessem ficar de costas um para o outro.)

O homem não apareceu.

**DOROTHY**

(Muito sonolenta, mas ansiosa por tomar conhecimento das novidades.)

Não houve bombardeio algum, querido.

**PHILIP**

Ótimo.

**DOROTHY**

Boa noite, querido!

**PHILIP**

Boa noite!

(Ouve-se uma metralhadora — pop-pop-pop — muito ao longe, através da janela aberta. Ficam muito quietos na cama, mas, de repente, ouve-se PHILIP dizer:)

Bridges, você está dormindo?

**DOROTHY**

(Verdadeiramente sonolenta:)

Não, querido. Não, se...

**PHILIP**

Quero dizer-lhe uma coisa.

**DOROTHY**

(Sonolenta:)

Sim, meu muito, muito querido.

**PHILIP**

Quero dizer-lhe duas coisas. Passei horrores, e a amo.

**DOROTHY**

Oh, meu pobre Philip!

**PHILIP**

Jamais digo a qualquer pessoa quando acabo de passar por coisas horróricas, e nunca digo que amo. Mas eu a amo, percebe? Está me ouvindo? Pode me sentir? Ouviu o que eu disse?

**DOROTHY**

Oh, eu o amo o tempo todo! O contato com você é maravilhoso. Assim como uma tempestade de neve, se a neve não fosse tão fria e não derretesse...

**PHILIP**

Eu não a amo durante o dia. Não consigo amar durante o dia. Ouça, quero dizer-lhe mais uma coisa. Você gostaria de se casar comigo, ou de ficar comigo o tempo todo, ou de ir para onde eu fosse e ser minha garota? Ouviu-me dizer isso? Pois o disse, viu?

**DOROTHY**

Eu gostaria de me casar com você.

**PHILIP**

Pois é, eu sempre digo coisas engraçadas à noite, não é?

**DOROTHY**

Eu gostaria que nos casássemos, trabalhássemos bastante e tivéssemos uma bela vida. Você sabe que não sou tão tola quanto pareço, pois, se o fosse, não estaria aqui. E eu trabalho, quando você não está por perto. É por isso mesmo que não sei cozinhar. Em circunstâncias normais, sempre se pode arranjar uma cozinheira. Oh, meu bem! Eu o amo com esses seus grandes ombros, seu andar de gorila e essa cara engraçada!

**PHILIP**

Será uma cara muito mais engraçada quando eu terminar este negócio em que estou metido.

**DOROTHY**

Mas esses tais horrores não estão melhorando, querido? Quer falar-me a respeito deles?

**PHILIP**

Oh, que vão para o inferno! Temos convivido durante tanto tempo que sentiria falta se eles se fossem. Deixe que lhe diga mais uma coisa.

(Ele diz muito baixinho:)

Eu gostaria de me casar com você, ir embora, livrar-me disto tudo. Você ouviu o que eu disse? Pois eu disse mesmo!

**DOROTHY**

Bem, querido, vamos fazer isso mesmo.

**PHILIP**

Não, não o faremos. Mesmo deitado aqui, esta noite, eu sei que não o faremos. Mas gosto de dizer isso. Oh, eu a amo! Que vá tudo pro inferno, mas eu a amo! E você tem — com os diabos! — o corpo mais encantador do mundo. E eu a adoro também. Ouviu o que eu disse?

**DOROTHY**

Ouvi, minha doçura, mas não é verdade quanto ao meu corpo. É apenas um corpo aceitável, mas eu gosto de ouvir você dizer isso. Fale-me a respeito dos “horrores”, assim talvez eles se dissipem.

**PHILIP**

Não. Cada qual tem os seus, e eu não quero divulgar os meus por aí.

**DOROTHY**

Não seria melhor tentar dormir, meu grandalhão bem-amado? Minha velha tempestade de neve.

**PHILIP**

Já é quase dia, e estou me tornando sensato novamente.

**DOROTHY**

Por favor, procure dormir.

**PHILIP**

Ouçã, Bridges, vou lhe dizer mais uma coisa. Está clareando agora.

**DOROTHY**

(Retendo a voz:)

Estã, querido.

**PHILIP**

Se vocẽ quiser mesmo que eu durma, basta dar-me uma martelada na cabeça.

CORTINA

FIM DO SEGUNDO ATO

# TERCEIRO ATO



## CENA 1



Cinco dias depois, à tarde, nos mesmos quartos 109 e 110 do Hotel Florida.

A cena está como na Cena 3 do Segundo Ato, só que a porta entre os dois quartos está aberta. Na extremidade inferior agita-se livremente o cartaz e, no quarto de PHILIP, há um vaso sobre o criado-mudo cheio de crisântemos. Há uma estante de livros ao longo da parede, à direita da cama, e forros de cretone nas poltronas. As cortinas das janelas são desse mesmo cretone. A cama tem uma coberta sobre o seu lençol branco. Todas as roupas estão cuidadosamente dependuradas nos cabides, e os três pares de botas de PHILIP, todos escovados e engraxados, estão sendo postos no armário por PETRA. DOROTHY, no quarto contíguo, o 109, está experimentando, diante do espelho, um casaco de raposa prateada.

### **DOROTHY**

Petra, por favor, venha cá!

### **PETRA**

(Endireitando seu pequeno e velho corpo, depois de colocar as botas no lugar.)

Sim, señorita!

(PETRA dá a volta e entra pela porta apropriada no quarto 109, batendo antes.)

**PETRA**

(Juntando as mãos.)

Oh, señorita, como é lindo!

**DOROTHY**

(Olhando-se, por sobre o ombro, no espelho.)

Não está bem, Petra. Não sei o que é que eles fizeram, mas não está bem!

**PETRA**

Acho encantador, señorita!

**DOROTHY**

Não, há qualquer coisa errada na parte superior da gola. E não sei falar espanhol tão bem que me possa fazer entender por esse peleteiro idiota. Ele é um idiota!

(Ouve-se alguém que se aproxima pelo corredor. É PHILIP. Ele abre a porta do quarto 110 e olha em torno. Tira sua jaqueta de couro e joga-a sobre a cama; depois, lança a boina no cabide existente a um canto. A boina cai no chão. Senta-se numa das cadeiras cobertas de cretone e tira as botas. Deixa-as de pé, pingando, no meio do assoalho e vai para a cama. Tira a jaqueta da cama e a joga numa cadeira. O paletó fica estendido lá, de qualquer jeito. Depois, deita-se na cama, puxa os travesseiros de sob as cobertas e os coloca debaixo da cabeça, após o que acende a lâmpada de leitura. Estende o braço para baixo, abre a porta dupla do criado-mudo ao lado da cama, apanha uma garrafa de uísque, despeja a bebida num copo que fora colocado cuidadosamente de boca para baixo no gargalo da garrafa de água e põe um pouco dela no uísque. Com o copo na mão esquerda, estende o braço em direção à estante, a fim de apanhar um livro. Fica um momento deitado de costas, imóvel; depois, encolhe os ombros e mexe-se, desconfortavelmente. Por fim, tira



uma pistola do cinto e coloca-a sobre a coberta da cama, a seu lado. Encolhe os joelhos, toma o seu primeiro gole da bebida e começa a ler.)

**DOROTHY**

(Do quarto contíguo:)

Philip, Philip querido!

**PHILIP**

Que é?

**DOROTHY**

Venha cá, por favor.

**PHILIP**

Não, querida.

**DOROTHY**

Quero mostrar a você uma coisa.

**PHILIP**

(Lendo.)

Traga-a aqui.

**DOROTHY**

Está bem, querido.

(Lança um último olhar ao casaco, no espelho. Está belíssima nele, e não há nada de errado na gola. Chega à porta vestindo-o orgulhosamente e dá uma volta com ele, de modo muito

*gracioso e elegante, como o faria uma modelo.)*

**PHILIP**

Onde foi que você conseguiu isso?

**DOROTHY**

Eu o comprei, querido.

**PHILIP**

Com quê?

**DOROTHY**

Com pesetas.

**PHILIP**

*(Friamente:)*

Muito bonito.

**DOROTHY**

Você não gosta dele?

**PHILIP**

*(Ainda fitando o casaco:)*

Muito bonito.

**DOROTHY**

O que é que há, Philip?

**PHILIP**

Nada.

**DOROTHY**

Você não quer que eu tenha *coisa alguma* que seja bonita?

**PHILIP**

Esse problema é exclusivamente seu.

**DOROTHY**

Mas, querido! É tão barato! As raposas custam apenas mil e duzentas pesetas cada.

**PHILIP**

Isso equivale ao soldo de cento e vinte dias para um membro das Brigadas. Vejamos. São quatro meses. Não conheço um deles sequer que em quatro meses de campanha não tenha sido ferido... ou morto.

**DOROTHY**

Mas, Philip, este casaco nada tem a ver com as Brigadas. Eu comprei as pesetas ao câmbio de cinquenta por dólar, em Paris.

**PHILIP**

(Glacialmente:)

Verdade?

**DOROTHY**

Sim, querido. E por que razão não deveria eu comprar raposas, se as queria? Alguém tem de comprá-las. Elas estão lá para ser vendidas, e cada pele fica por menos de vinte e dois dólares.

**PHILIP**

Maravilhoso, não é? Quantas raposas há aí?

**DOROTHY**

Cerca de doze. Oh, Philip, não fique aborrecido.

**PHILIP**

Você está se saindo muito bem com esta guerra, não? De que modo conseguiu contrabandear suas pesetas?

**DOROTHY**

Numa lata de champanhe.

**PHILIP**

Champanhe, oh, sim, champanhe... Que coincidência... E será que, por acaso, o champanhe tirou todo o fedor delas?

**DOROTHY**

Philip, você está agindo de modo *espantosamente* moralista!

**PHILIP**

Creio que sou mesmo moralista, pelo menos em área econômica. Não acredito que nem mesmo Mum — ou o que é que as outras senhoras encantadoras usam? Amolin, não é? — tiraria a nódoa dessas pesetas conseguidas no câmbio negro.

**DOROTHY**

Se você insiste em ser desagradável a respeito disso, eu o deixarei falando sozinho.

**PHILIP**

Ótimo.

*(DOROTHY encaminha-se para a porta, mas detém-se, súplice.)*

**DOROTHY**

Mas não seja desagradável quanto a isso. Faça força para ser razoável e fique satisfeito por eu ter um casaco tão bonito. Sabe o que eu estava fazendo quando você entrou? Estava pensando no que podíamos fazer, justamente a esta hora do dia, em Paris.

**PHILIP**

Paris?

**DOROTHY**

Está escurecendo, e eu me encontraria com você no bar do Ritz, vestindo este casaco. Estaria lá sentada à sua espera. Você entraria com um sobretudo trespassado, de oficial da guarda, muito justo, chapéu-coco e empunhando uma bengala.

**PHILIP**

Já vi que esteve lendo aquela revista americana, a *Esquire*. Não é para você ler o texto, compreende? Você tem de ver apenas as figuras.

**DOROTHY**

Você pediria um uísque com Perrier, e eu tomaria um coquetel de champanhe.

**PHILIP**

Isso não me agrada.

**DOROTHY**

O quê?

**PHILIP**

Essa história. Se você sente necessidade de devanear, mantenha-me fora de seus devaneios, sim?

**DOROTHY**

Isso não passa de brincadeira, querido.

**PHILIP**

Bem, eu não brinco mais.

**DOROTHY**

Mas você o fez, querido. E nos divertimos bastante com isso.

**PHILIP**

Bem, considere-me, agora, fora da brincadeira.

**DOROTHY**

Mas não somos amigos?

**PHILIP**

Oh, sim, na guerra a gente faz todos os tipos de amigos.

**DOROTHY**

Querido, *por favor*, para com isso! Por acaso não somos amantes?

**PHILIP**

Sim, certamente! Claro. Por que não?

**DOROTHY**

Mas não vamos viver juntos, divertir-nos e sermos felizes? Como você me diz todas as noites?

**PHILIP**

Não. Nem daqui a mil anos. Nunca acredite no que eu digo à noite.

**DOROTHY**

Mas *por que* não podemos fazer o que você, à noite, diz que iremos fazer?

**PHILIP**

Porque estou metido em algo onde não se entra para viver sempre com alguém, levar uma vida encantadora e ser feliz.

**DOROTHY**

Por que não?

**PHILIP**

Primeiro, porque descobri que você está sempre muito ocupada. E, em segundo lugar, porque isso não tem a menor importância quando comparado a muitas outras coisas.

**DOROTHY**

Mas você nunca está ocupado!

**PHILIP**

*(Sente que está falando demais, mas prossegue:)*

Não. Mas, depois que isto terminar, entrarei para um curso de disciplina, a fim de libertar-me de quaisquer hábitos anarquistas que possa ter adquirido. Provavelmente me enviarão de novo para trabalhar com pioneiros, ou algo que o valha.

**DOROTHY**

Não compreendo.

**PHILIP**

O fato de você não compreender, e jamais poder compreender, constitui a razão por que não vamos continuar a viver juntos, a ter uma vida



encantadora etc.

**DOROTHY**

Oh, é pior do que *Skull and Bones*.

**PHILIP**

E que significa, com os diabos, *Skull and Bones*?

**DOROTHY**

É uma sociedade secreta a que pertencia um homem com quem eu tive, certa vez, o bom senso de não me casar. Um grupo realmente superior e digno que, ao admitir novos membros, diz-lhes tudo o que é necessário saber, pouco antes de o casamento se realizar. No entanto, assim que me deram suas explicações, preferi cancelar o casamento.

**PHILIP**

Eis aí uma excelente decisão.

**DOROTHY**

Não podemos continuar juntos pelo menos por enquanto, já que temos um ao outro — quero dizer, mesmo que não continuemos juntos para sempre —, e sermos amáveis, desfrutando do que temos sem trocar palavras amargas?

**PHILIP**

Se você quiser.

**DOROTHY**

Eu gostaria.

(Ela veio da porta e acha-se de pé junto à cama, enquanto falam. PHILIP olha para cima, fitando-a, e, de súbito, toma-a nos braços, ergue-a e puxa-a sobre si mesmo, na cama, com raposas prateadas e tudo.)

**PHILIP**

Elas são muito delicadas e macias.

**DOROTHY**

E não cheiram mal, não é verdade?

**PHILIP**

(O rosto sobre os ombros dela, afundado nas raposas:)

Não, não cheiram mal. E você fica encantadora com elas. E eu a amo, pouco me importa! Eu a amo. E ainda são apenas cinco e meia da tarde.

**DOROTHY**

Aproveitemos ao máximo enquanto estivermos bem, não é?

**PHILIP**

(Desavergonhadamente:)

São realmente maravilhosas ao tato. Alegra-me que você as tenha comprado.

(Aperta-a fortemente contra si.)

**DOROTHY**

Vamos tirar partido deste momento, por mais breve que ele seja?

**PHILIP**

Sim. Nós o aproveitaremos.

(Ouve-se uma batida na porta e a maçaneta se move para que MAX entre. PHILIP sai da cama. DOROTHY continua sentada nela.)

**MAX**

Incomodo?

**PHILIP**

Não. De modo algum. Max, eis aqui uma camarada americana. Camarada Bridges. Camarada Max.

**MAX**

Salud, camarada.

(Acerca-se da cama em que DOROTHY está sentada e estende-lhe a mão. DOROTHY cumprimenta-o e desvia o olhar.)

**MAX**

Estão ocupados?

**PHILIP**

Não. Absolutamente. Aceita um drinque, Max?

**MAX**

Não. Obrigado.

**PHILIP**

(Em espanhol:)  
¿Hay novedades?

**MAX**

(Em espanhol:)  
Algunas.

**PHILIP**

Não quer mesmo um drinque?

**MAX**

Não. MUITÍSSIMO obrigado.

**DOROTHY**

Vou-me embora. Não deixem que eu os incomode.

**PHILIP**

Não há necessidade de que você se vá.

**DOROTHY**

Aparecerei mais tarde, talvez.

**PHILIP**

Muito bem.  
(Enquanto ela se retira, MAX diz, com grande polidez:)

**MAX**

Salud, camarada.

**DOROTHY**

Salud.

(Ela fecha a porta entre os dois quartos, antes de passar pela porta regular.)

**MAX**

(Quando estão a sós:)

Ela é de fato uma camarada?

**PHILIP**

Não.

**MAX**

Mas você a apresentou como tal.

**PHILIP**

Apenas uma maneira de falar. A gente chama todo mundo de camarada aqui em Madri. Todos, segundo se supõe, estão trabalhando pela mesma causa.

**MAX**

Mas essa não é uma boa maneira de falar.

**PHILIP**

Não é. Creio que não. Lembro-me de que eu mesmo já disse isso certa vez.

**MAX**

Essa moça... como é que ela se chama? Britches?

**PHILIP**

Bridges.

**MAX**

Ela significa algo sério para você?

**PHILIP**

Sério?

**MAX**

Sim. Você sabe o que quero dizer.

**PHILIP**

Eu não diria isso. Poderia julgá-lo até como cômico. De certo modo.

**MAX**

Você passa muito tempo com ela?

**PHILIP**

Algum tempo.

**MAX**

Que tempo?

**PHILIP**

O meu tempo.

**MAX**

Nunca o tempo do Partido?

**PHILIP**

Meu tempo é o tempo do Partido.

**MAX**

É o que eu queria dizer. Alegra-me que o compreenda com tanta facilidade.

**PHILIP**

Oh, eu compreendo tudo com muita facilidade.

**MAX**

Não fique zangado com algo que está acima de você e de mim.

**PHILIP**

Não estou zangado. Mas espero que não pretendam transformar-me num maldito monge.

**MAX**

Philip, meu camarada, você nunca se pareceu muito com um maldito monge.

**PHILIP**

Não?

**MAX**

Nem se espera que você o seja... jamais.

**PHILIP**

Não.

**MAX**

É apenas uma questão do que interfere no trabalho da gente. Essa moça... De onde é que ela vem? Qual o seu passado?

**PHILIP**

Pergunte a ela.

**MAX**

Creio que terei de fazer isso, então.

**PHILIP**

Por acaso não realizei satisfatoriamente meu trabalho? Por acaso alguém já se queixou?



**MAX**

Até agora, não.

**PHILIP**

E quem se queixa agora?

**MAX**

Eu me queixo agora.

**PHILIP**

Você?

**MAX**

Sim. Eu deveria tê-lo encontrado no Chicotes. Se você não pudesse ir, deveria deixar-me um recado. Eu cheguei ao Chicotes na hora, mas você não estava lá e não havia recado algum para mim. Venho para cá e o encontro com todo esse bando de raposas prateadas em seus braços.

**PHILIP**

E você nunca deseja algo assim?

**MAX**

Claro que sim. Desejo o tempo todo.

**PHILIP**

E o que é que você faz nesses momentos?

**MAX**

Às vezes, quando disponho de tempo e não estou cansado demais, procuro alguém que me conceda alguma coisa, enquanto olha para o outro lado.

**PHILIP**

E você deseja mesmo o tempo todo?

**MAX**

Eu gosto muito. Não sou santo.

**PHILIP**

Ainda há alguns santos por aí...

**MAX**

Existem. E outros que não o são. Só que eu estou sempre muito ocupado. Agora, vamos falar de outra coisa. Esta noite tentaremos novamente.

**PHILIP**

Está bem.

**MAX**

Você quer mesmo ir?

**PHILIP**

Ouçã, eu concordo com você no que se refere à garota, se lhe agrada, mas não fique aí a insultar-me. E não mostre esse ar superior quanto ao trabalho.

**MAX**

Essa moça não cria problemas?

**PHILIP**

De modo algum! Talvez ela me perturbe um pouco, levando-me a gastar o meu tempo e tudo o mais, como você diz, mas é uma pessoa absolutamente correta.

**MAX**

Tem certeza? Garanto-lhe que jamais vi tantas raposas juntas.

**PHILIP**

Ela é uma perfeita idiota e tudo o mais, mas é tão correta quanto eu!

**MAX**

E você pode garantir que ainda é correto?

**PHILIP**

Penso que sim. Por acaso se nota, quando a gente não o é?

**MAX**

Ah, sim.

**PHILIP**

Então como é que eu lhe pareço?

(Fica de pé e olha-se desdenhosamente no espelho. MAX fita-o e sorri muito lentamente. Abana a cabeça.)

**MAX**

Para mim, você parece bastante correto.

**PHILIP**

Você quer mesmo interrogá-la a respeito de seu passado e tudo o mais?

**MAX**

Não.

**PHILIP**

Ela tem as mesmas características das moças americanas que vêm para a Europa com certa quantidade de dinheiro. Elas são todas iguais: acampamentos, universidade, dinheiro na família, mais ou menos dinheiro do que antes, em geral menos, homens, casos amorosos, abortos, ambições e, finalmente, casam-se e assentam, ou não se casam e também assentam. Abrem lojas, ou trabalham em lojas, algumas escrevem, outras tocam instrumentos, algumas vão para o palco, outras, para o cinema. Filiam-se todas a uma espécie de Liga Juvenil, na qual, creio eu, as virgens trabalham. Tudo para o bem público. Esta aqui escreve. Bastante bem, aliás, e não é demasiado preguiçosa. Pergunte a ela sobre tudo isso, se quiser, embora seu relato venha a ser um tanto monótono, asseguro-lhe.

**MAX**

Não estou interessado.

**PHILIP**

Julguei que estivesse.

**MAX**

Pensei melhor, e deixo tudo isso a seu encargo.

**PHILIP**

Isso tudo o quê?

**MAX**

Tudo a respeito dessa moça. Para tratar do caso como deveria fazer.

**PHILIP**

Se eu fosse você, não teria muita confiança em mim...

**MAX**

Eu tenho confiança em você.

**PHILIP**

*(Com amargura:)*

Eu não teria muita. Às vezes, sinto-me tremendamente cansado de todo este maldito negócio. E o odeio.

**MAX**

Certamente.

**PHILIP**

Sim. E agora, com sua conversa, você acabará me convencendo do contrário. Mas a verdade é que assassinei, outro dia, aquele bravo garoto, o Wilkinson. Apenas por falta de cuidado. Não me diga que não foi assim.

**MAX**

Deixe de besteira. Mas reconheço que você não foi tão cuidadoso quanto devia ter sido.

**PHILIP**

Foi por culpa minha que ele morreu. Deixei-o em meu quarto, com a porta aberta, sentado na minha cadeira. Não era para isso que eu pretendia utilizá-lo.

**MAX**

Você não o deixou lá de propósito. Não deve mais pensar nisso, agora que tudo já passou.

**PHILIP**

Não... Apenas uma armadilha mortal acionada por descuido de minha parte.

**MAX**

De qualquer modo, ele provavelmente teria sido morto mais cedo ou mais tarde.

**PHILIP**

Oh, sim. Claro. Isso torna tudo maravilhoso, não? Esplêndido! Como é que eu não pensei nisso?

**MAX**

Eu já o vi antes nesse estado de espírito. Sei que logo estará bem novamente.

**PHILIP**

Sim, mas sabe como eu estarei quando ficar bem de novo? Já terei tomado uma dúzia de drinques, acompanhado de alguma puta. Será muito divertido. É o que você pensa que eu faço quando estou bem.

**MAX**

Não é verdade!

**PHILIP**

Estou farto de tudo! Sabe onde eu gostaria de estar agora? Em algum lugar como Saint Tropez, na Riviera, caminhando de manhã sem que houvesse qualquer maldita guerra e tomando um café com creme feito de leite verdadeiro... brioche com geleia de morangos frescos, e *oeuf plat au jambon*, tudo na mesma bandeja.

**MAX**

E a garota?

**PHILIP**

Sim, e a garota também. Você tem toda a razão — a garota. Com raposas prateadas e tudo.

**MAX**

Já lhe disse que ela não serve para você.

**PHILIP**

Talvez sirva. Tenho andado metido nisto há tanto tempo que já estou inteiramente farto. Farto de tudo.

**MAX**

Estamos nesta maldita luta para que todos possam ter um bom *breakfast* como esse. A gente faz isto para que ninguém jamais tenha fome. A gente faz isto para que os homens não tenham de temer a doença ou a velhice. Em suma: para que possam viver e trabalhar com dignidade, e não como escravos.

**PHILIP**

Sim. Certamente. Sei disso muito bem.

**MAX**

Como sei que sabe, compreendo quando tem uma pequena *défaillance* como essa.

**PHILIP**



Esta não está sendo pequena, e já a venho sentindo há muito tempo. Desde quando conheci minha garota. Você não faz ideia do quanto mexe comigo...

*(Ouve-se o ruído de um obus que se aproxima, seguido de sua explosão na rua. Escuta-se o grito de uma criança; primeiro, alto; depois, em gritos breves, penetrantes. Ouve-se tropel de pessoas correndo pela rua. Cai outro obus. PHILIP escancara as janelas. Depois da explosão, ouve-se de novo o barulho de gente correndo.)*

**MAX**

Fazemos o que fazemos para que isso cesse para sempre.

**PHILIP**

Porcos nojentos! Escolheram justamente a hora em que terminam as sessões dos cinemas.

*(Outro projétil se aproxima e explode. Ouve-se um cão descer a rua, ganindo.)*

**MAX**

Está me ouvindo? A gente o faz por todos os homens. A gente o faz pelas crianças. E, às vezes, a gente também o faz pelos cães... Agora, vá ver um pouco a moça. Ela deve estar precisando de você.

**PHILIP**

Não. Deixe que ela se aguarde sozinha! Ela tem suas raposas prateadas. Que tudo isto vá para o inferno!

**MAX**

Não. Vá logo! Ela precisa de você agora.

(Outro projétil aproxima-se zunindo e explode lá fora na rua. Desta vez, não se ouvem mais gritos ou correrias.)

**MAX**

Ficarei um pouco aqui, deitado. Vá vê-la, agora!

**PHILIP**

Está bem. Irei. Tudo o que você disser. Farei tudo o que você disser.

(Dirige-se à porta, quando se ouve o ruído sibilante de outro projétil caindo, seguido de nova explosão, desta vez longe do hotel.)

**MAX**

É apenas um pequeno bombardeio. O grande está reservado para esta noite.

(PHILIP abre a porta do outro quarto. Através da porta, ouve-se PHILIP falar, com voz neutra:)

**PHILIP**

Olá, Bridges. Como está?

CORTINA

## CENA 2



Interior de um posto de observação de artilharia, nas ruínas de uma casa situada no alto da estrada para Extremadura.

Está localizado na torre de uma casa antes bastante pretensiosa, e o acesso a ela é feito por meio de uma escada de madeira, que substitui a escada em caracol, de ferro, agora destruída, que se vê dependurada e retorcida. A nova escada acha-se encostada à torre e, no seu topo, a retaguarda do posto de observação, voltado em direção a Madri. É noite, e os sacos de areia que protegem as janelas foram retirados; quando se olha através delas, não se vê nada além de escuridão, pois as luzes de Madri foram apagadas. Nas paredes, há mapas militares em grande escala, com as posições marcadas por meio de tachas e fitas coloridas; sobre uma mesa tosca vê-se um telefone de campanha. Há, ainda, um telêmetro de longo tubo, modelo alemão, colocado diante da estreita abertura existente na parede, à direita da mesa, ao lado da qual se acha uma cadeira. Há, também, um telêmetro de tubo duplo e tamanho comum, colocado na outra abertura e apoiado a uma cadeira. Há ainda outra mesa tosca, também com telefone sobre ela, à direita da sala. Ao pé da escada de madeira, vê-se uma SENTINELA com baioneta calada e, ao topo da escada, na sala, onde a altura é apenas suficiente para que permaneça de pé com seu fuzil e baioneta, há outra SENTINELA. Ao erguer-se a cortina, vê-se a cena tal como foi descrita, com as SENTINELAS em seus postos. Dois SINALEIROS acham-se debruçados sobre a mesa maior. As luzes de um

automóvel brilham vivamente ao pé da escada, na base da torre. Aproximam-se cada vez mais, ofuscando a SENTINELA.

**SENTINELA**

Apague já essas luzes!

(As luzes continuam acesas, iluminando claramente a SENTINELA.)

**SENTINELA**

(Erquendo o fuzil, puxando o ferrolho e armando-o com um estalido.)

Apague essas luzes!

(Diz isso muito lenta, clara e perigosamente, e é certo que atirá. Os faróis apagam-se, e TRÊS HOMENS, dois deles em uniforme de oficial, um grande e corpulento, o outro um tanto magro e elegantemente vestido com botas de montar que brilham à luz da lanterna que o homem corpulento empunha, e, ainda, um civil atravessam o palco vindo da esquerda, onde deixaram o automóvel fora de cena, e aproximam-se da escada.)

**SENTINELA**

(Dando a primeira palavra da senha:)

A Vitória...

**OFICIAL MAGRO**

(Rápida e desdenhosamente:)

... é para aqueles que a merecem.

**SENTINELA**

Passem.

**OFICIAL MAGRO**

(Para o CIVIL:)

Suba por essa escada.

**CIVIL**

Já estive aqui antes.

(Os três sobem a escada. No topo da escada, a SENTINELA, vendo a insígnia no quepe do oficial alto e corpulento, apresenta armas. Os SINALEIROS permanecem sentados junto a seus telefones. O OFICIAL CORPULENTO dirige-se à mesa, seguido pelo CIVIL e pelo oficial de botas brilhantes, que é, evidentemente, seu AJUDANTE DE ORDENS.)

**OFICIAL CORPULENTO**

Que é que há com esses sinaleiros?

**AJUDANTE DE ORDENS**

(Para os SINALEIROS:)

Venham cá! Atenção! Que é que se passa com vocês?

(Os SINALEIROS ficam em posição de sentido, um tanto cansadamente.)

À vontade!

(Os SINALEIROS sentam-se. O OFICIAL CORPULENTO está examinando o mapa. O CIVIL olha pelo telêmetro e nada vê na escuridão.)

**CIVIL**

O bombardeio é para a meia-noite?

**AJUDANTE DE ORDENS**

(Falando ao OFICIAL CORPULENTO:)

A que horas começa o bombardeio, senhor?

**OFICIAL CORPULENTO**

*(Falando com sotaque alemão:)*

Você fala demais!

**AJUDANTE DE ORDENS**

Desculpe-me, senhor. O senhor gostaria de ver isto?

*(Entrega-lhe um maço de ordens datilografadas, presas por um clipe. O OFICIAL CORPULENTO apanha-o e olha-o perfunctoriamente. Depois devolve-o.)*

**OFICIAL CORPULENTO**

*(Em tom impetuoso:)*

Estou familiarizado com elas. Eu as escrevi.

**AJUDANTE DE ORDENS**

Perfeitamente, senhor. Julguei que talvez o senhor desejasse verificá-las.

**OFICIAL CORPULENTO**

Eu já as verifiquei!

*(Um dos telefones toca. Um dos SINALEIROS, na mesa, atende-o.)*

**SINALEIRO**

Sim. Não. Sim. Muito bem.

*(Dirige um sinal afirmativo de cabeça ao OFICIAL CORPULENTO.)*

É para o senhor.

*(O OFICIAL CORPULENTO apanha o telefone.)*

**OFICIAL CORPULENTO**

Alô. Sim. Muito bem. Você é idiota, por acaso? Não? Tal como eu ordenei.  
Salva de tiros significa salva de tiros.

*(Desliga o telefone e consulta o relógio.)*

*(Para o AJUDANTE DE ORDENS:)*

Que horas tem aí?

**AJUDANTE DE ORDENS**

Um minuto para a meia-noite, senhor.

**OFICIAL CORPULENTO**

Só lido com idiotas aqui. Ninguém pode dizer que comanda qualquer unidade, quando não há disciplina. Sinaleiros ficam sentados à mesa quando um general entra. Oficiais de artilharia que pedem explicação de ordens. Que hora disse que era?

**AJUDANTE DE ORDENS**

*(Consultando o relógio:)*

Trinta segundos para a meia-noite, senhor.

**SINALEIRO**

A Brigada chamou seis vezes, senhor!

**OFICIAL CORPULENTO**

*(Acendendo um charuto:)*

Que horas são?

**AJUDANTE DE ORDENS**

Quinze para, senhor.

**OFICIAL CORPULENTO**

Quinze para o quê?

**AJUDANTE DE ORDENS**

Quinze minutos para a meia-noite, senhor.

(Justamente nesse momento, ouvem-se os canhões. É um ruído muito diferente do que fazem os obuses que se aproximam. Há um pou-pou-pou violento, distinto, como o que produziria uma caçarola na qual se batesse diante de um microfone, e, a seguir, um zumbido — zás, zás, zás, chu, chu, chu, chu, chu — à medida que as peças de artilharia são disparadas, seguido de uma explosão distante. Outra bateria, mais próxima e mais ruidosa, começa a disparar, e, então, ouvem-se disparos ao longe de toda a linha de canhões, sons surdos e ressoantes, e o ar enche-se do barulho que os projéteis fazem ao partir. Através da janela aberta, vê-se, recortado no horizonte, o perfil dos edifícios de Madri, muitos deles iluminados, agora, pelos clarões. O OFICIAL CORPULENTO está de pé junto ao grande telêmetro. O CIVIL, junto ao telêmetro de dois canos. O AJUDANTE DE ORDENS olha por cima do ombro do CIVIL.)

**CIVIL**

Meu Deus, que belo espetáculo!

**AJUDANTE DE ORDENS**

Vamos matar uma porção deles esta noite. Esses marxistas filhos da puta! Isto vai apanhá-los em suas trincheiras.

**CIVIL**



É maravilhoso ver-se isto.

**GENERAL**

(Não afasta os olhos do telêmetro.)

Está indo tudo bem?

**CIVIL**

É uma beleza! Quanto tempo vai durar?

**GENERAL**

Vamos botá-los no fogo por uma hora, desta vez. Depois, uma pausa de dez minutos. Em seguida, mais quinze minutos.

**CIVIL**

Nenhum projétil explodirá no bairro de Salamanca, não é? É lá que está quase toda a nossa gente.

**GENERAL**

Algumas cairão lá.

**CIVIL**

Mas por quê?

**GENERAL**

As baterias espanholas cometem seus erros, você sabe...

**CIVIL**

E o que têm com isso as baterias espanholas?

**GENERAL**

É que elas não são tão boas quanto as nossas.

(O CIVIL se cala e os disparos continuam, embora as baterias não estejam, agora, disparando com a mesma rapidez com que começaram. Ouve-se um ruído sibilante que se aproxima e, a seguir, uma explosão, pois um projétil cai bastante perto do posto de observação.)

**GENERAL**

Estão respondendo um pouco ao fogo agora.

(Não há luzes no posto de observação agora, exceto a dos clarões dos disparos e a luz do cigarro que a SENTINELA ao pé da escada fuma. Vê-se que o brilho do cigarro descreve um semiarco na escuridão e há um ruído que se escuta com clareza quando a SENTINELA tomba. Escuta-se o barulho de dois disparos. Outro projétil passa com o mesmo zunido alto e, quando explode, vemos no clarão dois homens subindo a escada.)

**general**

(Sem se afastar do telêmetro.)

Ligue-me com Garabitas.

(O SINALEIRO tenta a ligação. Tenta novamente.)

**SINALEIRO**

Lamento, senhor. O fio deve ter sido danificado.

**GENERAL**

(Para o outro SINALEIRO:)

Ponha-me em contato com o Comando da Divisão.

**SINALEIRO**

Não tenho linha, senhor.

**GENERAL**

Faça com que alguém verifique o seu fio.

**SINALEIRO**

Sim, senhor.

(Levanta-se no escuro.)

**GENERAL**

Por que é que aquele homem está fumando? Que espécie de exército é este, que parece saído do coro da Carmen?

(Vê-se o cigarro — que estava na boca da sentinela postada no topo da escada — descrever uma longa parábola em direção ao chão, como se ele o houvesse jogado fora, e ouve-se o baque pesado de um corpo que cai. Uma lanterna de mão ilumina os três homens que se acham juntos dos telêmetros, bem como os dois sinaleiros.)

**PHILIP**

(Através da porta aberta no topo da escada. Em voz baixa, muito tranquila:)

Mãos ao alto e nada de heroísmo, pois estourarei seus miolos!

(Está empunhando um fuzil automático, curto, que lhe pendia das costas enquanto subia a escada.)

Refiro-me a vocês cinco! Conserve as mãos erguidas, seu gordo filho da puta!

(MAX tem na mão direita uma granada de mão e, na esquerda, a lanterna.)

**MAX**

Se tentarem qualquer alarme, ou se se mexerem, todos estarão mortos. Estão ouvindo?

**PHILIP**

Quem é que você quer?

**MAX**

Somente o gordo e o paisano. Amarre o resto. Você tem aí um bom esparadrapo?

**PHILIP**

Ja.\*

**MAX**

Vocês estão vendo. Somos todos russos. Todos são russos em Madri! Depressa, Tovarich, e amordace-os bem com esparadrapo, pois tenho de atirar esta coisa antes de irmos embora. Como vê, já puxei o pino!

*(Pouco antes de a cortina descer, enquanto PHILIP avança em direção a eles empunhando fuzil automático de cano curto, vê-se, à luz da lanterna, os rostos brancos dos homens. As baterias estão ainda atirando. De baixo e de trás da casa chega uma voz:)*

Apaguem essa luz!

**MAX**

O.K., soldado, dentro de um minuto!

CORTINA

## **Nota**

\* Sim, em alemão. (N.T.)

## CENA 3



Ao erguer-se a cortina, vê-se a mesma sala do quartel da Seguridad, que apareceu no Segundo Ato, Cena 1. ANTÔNIO, do Comissariado de Vigilância, está sentado a uma mesa. PHILIP e MAX, enlameados e apresentando péssimo aspecto, acham-se sentados em duas cadeiras. PHILIP ainda tem seu fuzil automático a tiracolo. O CIVIL do posto de observação, sem a sua boina, com a jaqueta de campanha rasgada nas costas, uma das mangas pendente, está de pé diante da mesa, entre DOIS GUARDAS DA TROPA DE ASSALTO.

### ANTÔNIO

(Aos DOIS GUARDAS DA TROPA DE ASSALTO:)

Podem retirar-se.

(Eles prestam continência e saem pela direita, arrastando seus fuzis.)

(Para PHILIP:)

Onde está o outro?

### PHILIP

Nós o perdemos no caminho.

**MAX**

Ele era muito pesado e não queria andar.

**ANTÔNIO**

Seria uma excelente captura.

**PHILIP**

A gente não pode fazer essas coisas como aparecem no cinema.

**ANTÔNIO**

É verdade, mas seria bom se pudéssemos tê-lo aqui!

**PHILIP**

Desenharei um pequeno mapa, e poderá mandar alguém até lá para buscá-lo.

**ANTÔNIO**

Sim?

**MAX**

Ele era um soldado e jamais teria falado. Eu mesmo teria gostado de interrogá-lo, mas sei que seria inútil.

**PHILIP**

Quando acabarmos o nosso assunto aqui, farei um pequeno mapa, como já disse, e você poderá mandar buscá-lo. Ninguém o terá retirado de lá. Nós o

deixamos num lugar apropriado.

**CIVIL**

(Numa voz histérica:)

O senhor o assassinou.

**PHILIP**

(Desdenhosamente:)

Cale essa boca!

**MAX**

Eu lhe garanto: ele jamais teria falado. Conheço tais homens.

**PHILIP**

Não esperávamos encontrar dois desses tipos ao mesmo tempo. E aquele outro espécimen era grande demais e, de modo algum, queria caminhar. Fez uma espécie de greve sentada. Não sei se você já tentou vir de lá à noite. Há alguns lugares bastante esquisitos. Como vê, não tínhamos mesmo outra alternativa.

**CIVIL**

(Histérico:)

E então você o assassinou! Eu o vi fazer isso!

**PHILIP**

Fique quietinho, sim? Ninguém pediu sua opinião.



**MAX**

Você precisa de nós agora?

**ANTÔNIO**

Não.

**MAX**

Acho que eu gostaria de ir embora. Isto não é coisa que me agrade muito. Faz-me lembrar de tanta coisa...

**PHILIP**

E de mim, você precisa?

**ANTÔNIO**

Não.

**PHILIP**

Não precisa se preocupar. Conseguirá tudo o que espera, as listas, os esconderijos, tudo. O homem é como uma fruta madura.

**ANTÔNIO**

Está bem.

**PHILIP**

Não se preocupe também com o que ele lhe contar. Como já viu, é um tipo bem falante.

**ANTÔNIO**

Ele é um político. Já falei com muitos políticos antes.

**CIVIL**

(Histericamente:)

O senhor nunca me obrigará a falar! Nunca! Nunca!

(MAX e PHILIP olham um para o outro, e PHILIP sorri.)

**PHILIP**

(Muito tranquilo:)

Você já está falando agora. Não percebeu ainda?

**CIVIL**

Não! Não!

**MAX**

Já que tudo está bem, eu me retiro.

(Levanta-se.)

**PHILIP**

Acho que também vou-me embora.

**ANTÔNIO**

Não querem ficar para ouvir a coisa?

**MAX**

Por favor, não.

**PHILIP**

É que estamos realmente muito cansados.

**ANTÔNIO**

Garanto-lhes que será muito interessante.

**PHILIP**

Voltarei aqui amanhã.

**ANTÔNIO**

Eu gostaria muito que ficassem.

**MAX**

Por favor. Se não se importa, peço-lhe isso como um favor.

**CIVIL**

Que é que vai fazer comigo?

**ANTÔNIO**

Nada. Quero apenas que responda a algumas perguntas.

**CIVIL**

Jamais falarei.

**ANTÔNIO**

Falará, sim. Você vai ver...

**MAX**

Por favor. Por favor. Quero mesmo sair, e me vou agora.

CORTINA

## CENA 4



O mesmo cenário do Primeiro Ato, Cena 3, mas ao cair da tarde. Ao levantar-se a cortina, o quarto de DOROTHY BRIDGES está às escuras. O de PHILIP está aceso, as cortinas corridas. PHILIP está deitado de bruços na cama. ANITA acha-se sentada numa cadeira, junto à cama.

**ANITA**

Philip!

**PHILIP**

(Sem se voltar ou olhar em sua direção.)

Que é que há?

**ANITA**

Por favor, Philip.

**PHILIP**

Por favor o quê, com os diabos?

**ANITA**

Onde está o uísque?

**PHILIP**

Debaixo da cama.

**ANITA**

Obrigada.

*(Olha embaixo da cama. Depois, arrasta-se um pouco, metendo quase meio corpo sob a mesma.)*

Não encontro.

**PHILIP**

Procure, então, no armário. Alguém esteve aqui arrumando o quarto de novo.

**ANITA**

*(Dirige-se ao armário e abre-o. Examina cuidadosamente o seu interior.)*

Só há garrafas vazias.

**PHILIP**

Você não passa de uma pequena descobridora. Venha cá.

**ANITA**

Quero encontrar uísque.

**PHILIP**

Veja no criado-mudo.

(ANITA dirige-se ao criado-mudo, ao lado da cama, e abre-o, apanhando uma garrafa de uísque. Vai ao banheiro à procura de um copo, serve o uísque e acrescenta um pouco de água da garrafa que está junto à cama.)

**ANITA**

Beba. Vai se sentir melhor.

(PHILIP senta-se e olha-a.)

**PHILIP**

Alô, Beleza Negra! Como foi que você entrou aqui?

**ANITA**

Com a chave mestra.

**PHILIP**

Bem.

**ANITA**

Eu não via você. Muito preocupada. Vim aqui, me disseram você estava dentro. Bati na porta, ninguém respondeu. Bati mais. Nenhuma resposta. Disse para abrirem a porta com a chave mestra.

**PHILIP**

E foi o que fizeram?

**ANITA**

Eu disse que você tinha me chamado.

**PHILIP**

E eu chamei?

**ANITA**

Não.

**PHILIP**

Mesmo assim, foi muita bondade sua ter vindo.

**ANITA**

Você ainda está com aquela loira grande?

**PHILIP**

Não sei. As coisas estão um pouco confusas na minha cabeça. Estão ficando meio complicadas. Toda noite eu peço a ela que se case comigo, e na manhã seguinte digo que não falei a sério. Acho que, provavelmente, as coisas não podem continuar assim. Não, não podem mesmo continuar assim.

*(ANITA senta-se ao lado dele e passa-lhe a mão pela cabeça, alisando-lhe os cabelos negros.)*

**ANITA**

Você se sente culpado. Eu sei.

**PHILIP**

Quer que lhe conte um segredo?



**ANITA**

Quero.

**PHILIP**

Jamais me senti pior.

**ANITA**

Você me decepciona. Pensei que fosse me contar de que modo apanhou todo aquele bando da Quinta-Coluna.

**PHILIP**

Não foi um bando. Apanhei apenas um homem. Um tipo repulsivo, por sinal.

*(Ouve-se uma batida na porta. É o GERENTE.)*

**GERENTE**

Desculpe profundamente o incômodo...

**PHILIP**

Cuidado com o que diz. Há senhoras presentes.

**GERENTE**

Entrei só para ver se tudo está em ordem. Peço o controle das possíveis ações da jovem em caso de sua ausência ou incapacidade. Também desejo apresentar as mais sinceras e calorosas congratulações pelo admirável feito da

contraespionagem publicado nos jornais da tarde falando da prisão de trezentos membros da Quinta-Coluna.

**PHILIP**

Isso está nos jornais?

**GERENTE**

Com detalhes da prisão de todo tipo de gente condenável empenhada em tiroteio, planos de assassinato, sabotagem, comunicação com o inimigo e toda forma de delits.

**PHILIP**

De *delights*?\*

**GERENTE**

É uma palavra francesa, que se soletra D-E-L-I-T-S. Quer dizer crimes.

**PHILIP**

E tudo isso está nos jornais?

**GERENTE**

Absolutamente tudo, sr. Philip.

**PHILIP**

E onde é que eu entro nisso?

**GERENTE**

Oh, todos sabem que o senhor estava empenhado na execução de tais investigações.

**PHILIP**

E como foi que souberam?

**GERENTE**

(Em tom de censura:)

Sr. Philip, isto aqui é Madri. Em Madri, todos sabem tudo mesmo antes de o fato acontecer. Depois da ocorrência, há discussões a respeito de quem realmente fez a coisa. Apresento-lhe congratulações precedendo censuras dos insatisfeitos que perguntam: “Rá-rá! Só trezentos? Onde estão os outros?”

**PHILIP**

Não fique tão sombrio. Acho, porém, que diante disso preciso dar o fora daqui o quanto antes.

**GERENTE**

Sr. Philip, pensei nisso e vim aqui, fazendo o que espero resultará excelente proposta. Se o senhor partir, é inútil levar como bagagem alimentos enlatados.

(Ouve-se uma batida na porta. É MAX.)

**MAX**

Salud, camaradas.

**TODOS**

Salud.

**PHILIP**

Dê o fora agora, Camarada Colecionador de Selos. Poderemos falar nisso mais tarde.

**MAX**

(Para PHILIP:)

Wie gehts?\*\*\*

**PHILIP**

Gut.\*\*\* Não demasiado gut.

**ANITA**

O.K. Tomo banho?

**PHILIP**

Mais do que O.K., querida. Mas feche a porta, sim?

**ANITA**

(Do banheiro:)

A água está quente.

**PHILIP**

Isso é bom sinal. Feche a porta, por favor.

(ANITA fecha a porta. MAX aproxima-se da cama e senta-se numa cadeira. PHILIP está sentado na cama, as pernas pendidas.)

**PHILIP**

Aceita alguma coisa?

**MAX**

Não, camarada. Voltou lá?

**PHILIP**

Oh, sim. Fiquei lá até o fim. Presenciei tudo. Eles queriam saber algo e me chamaram.

**MAX**

Como ele se portou?

**PHILIP**

Covardemente. Mas a coisa, durante algum tempo, só saiu aos poucos.

**MAX**

E depois?

**PHILIP**

Oh, depois, ele despejou tudo mais depressa do que uma estenógrafa poderia anotar. Eu tenho bom estômago, como sabe.

**MAX**

(Ignorando:)

Li nos jornais a respeito das prisões. Por que publicam essas coisas?

**PHILIP**

Não sei, meu caro. Por que o fazem? Macacos me mordam se eu souber por quê.

**MAX**

É bom para o moral. Mas seria melhor se pudéssemos apanhar todos eles. Eles trouxeram o... o... ah...

**PHILIP**

Oh, sim, o cadáver? Foram buscá-lo lá onde o deixei, e quando Antônio o colocou numa cadeira, a um canto, eu lhe botei um cigarro na boca e acendi-o. Foi tudo muito divertido. Só que o cigarro não permanecia aceso, claro.

**MAX**

Alegro-me por não ter precisado ficar.

**PHILIP**

Eu fiquei. Depois, saí e voltei para cá. Mais tarde, fui dar uma volta e eles tornaram a chamar-me. Estive lá até uma hora atrás — e, agora, estou livre. Por hoje, quero dizer. Haverá alguma outra coisa, amanhã.

**MAX**

Fizemos um bom trabalho.

**PHILIP**

Melhor, impossível. Foi brilhante e sensacional, mas havia por certo muitos buracos na rede, e grande parte da pescaria se perdeu. Mas eles podem lançar novamente a rede. Vocês terão, porém, de me mandar para outro lugar. Já não sirvo mais para trabalhar aqui. Muita gente já sabe o que estou fazendo. Não porque eu tenha falado, mas porque as coisas tomaram esse rumo.

**MAX**

Há muitos lugares para onde você poderia ir. Mas você ainda tem algum trabalho a fazer aqui.

**PHILIP**

Eu sei. Mas mandem-me para outro lugar tão rapidamente quanto possível, por favor. Isso aqui está me dando nos nervos.

**MAX**

E quanto à moça do outro quarto?

**PHILIP**

Oh, eu vou romper com ela.

**MAX**

Não estou pedindo isso.

**PHILIP**

Não. Mas pediria, mais cedo ou mais tarde. Não há razão para que vocês fiquem me pajeando. Estamos empenhados em cinquenta anos de guerras não

declaradas, e eu me alistei para todo o tempo que isto durar. Não me lembro exatamente de quando foi, mas sei que assinei, sem a menor dúvida.

**MAX**

Todos assinamos. Não é uma guerra de assinaturas. E não há necessidade de falar com amargura a respeito disso.

**PHILIP**

Não estou sendo amargo. Apenas não quero enganar a mim mesmo. Nem deixar que as coisas grudem em alguma parte de mim, onde nada deveria ficar. Tudo isso está me perturbando bastante. Bem, sei como curá-lo.

**MAX**

Como?

**PHILIP**

Eu lhe mostrarei.

**MAX**

Lembre-se, Philip, de que sou um homem sensível.

**PHILIP**

Oh, claro! Eu também. Você precisa me ver trabalhando mais vezes.

(Enquanto os dois estavam conversando, vê-se a porta do quarto 109 abrir-se e DOROTHY BRIDGES entrar. Ela acende a luz, tira seu casaco de rua e veste o de peles de raposa. De pé, mira-se no espelho. Está muito bela esta noite. Dirige-se à vitrola e coloca a mazurca de Chopin, sentando-se, depois, junto à lâmpada de leitura com um livro.)



**PHILIP**

Lá está ela. Voltou, agora, para aquilo que vocês chamam... o lar.

**MAX**

Philip, camarada, não precisa fazer o que me disse. Francamente, não vejo sinais de que ela interfira, de qualquer modo, no seu trabalho.

**PHILIP**

Penso o contrário. E você, no duro, preferiria que eu rompesse logo.

**MAX**

Deixo isso a seu cargo, como já falei. Mas não se esqueça de ser carinhoso com ela. Para nós, que já passamos por coisas terríveis, a gentileza em tudo o que for possível é de suma importância.

**PHILIP**

Posso ser muito amável às vezes, como você sabe. Oh, como sou amável! Sou fantástico!

**MAX**

Não, não sei se você é amável. Gostaria que o fosse.

**PHILIP**

Espere-me um momento aqui, sim?

*(PHILIP sai do quarto e bate na porta do 109. Depois de bater, empurra a porta e entra.)*

**DOROTHY**

Olá, amor!

**PHILIP**

Olá! Onde é que você esteve?

**DOROTHY**

Estou muito bem e muito feliz, agora que você está aqui. Por onde andou? Você não voltou ontem à noite. Oh, fico contente que você esteja aqui.

**PHILIP**

Você tem uma bebida?

**DOROTHY**

Claro, querido.

(Ela prepara-lhe um uísque com água. No outro quarto, MAX está sentado numa cadeira, a fitar o aquecedor elétrico.)

**DOROTHY**

Onde você esteve, Philip?

**PHILIP**

Andando por aí. Verificando certas coisas.

**DOROTHY**

E como estavam essas coisas?

**PHILIP**

Algumas estavam bem, você sabe. E outras não tão bem assim. Creio que empataram.

**DOROTHY**

E esta noite você não tem de sair?

**PHILIP**

Não sei.

**DOROTHY**

Philip, meu querido, que é que se passa?

**PHILIP**

Nada.

**DOROTHY**

Philip, vamos embora daqui. Eu não preciso ficar aqui. Já enviei três artigos. Podíamos ir para aquele lugar perto de Saint Tropez; as chuvas ainda não começaram e seria encantador estarmos lá, longe das pessoas. Depois, então, poderíamos esquiar.

**PHILIP**

(Em tom bastante mordaz:)

Sim, e depois iríamos para o Egito, a fim de fazer amor, felizes, em todos os hotéis, onde milhares de *breakfasts* nos seriam trazidos, em bandejas, em milhares de belas manhãs, nos três meses seguintes — ou durante o tempo que levasse para você se cansar de mim, ou eu de você. E não faríamos outra

coisa senão nos divertir. Ficaríamos no Crillon, ou no Ritz, e, no outono, quando as folhas caíssem das árvores do Bois e o tempo estivesse frio, partiríamos para as corridas de Auteuil e nos aqueceríamos junto daqueles grandes braseiros de carvão do paddock, e veríamos os animais saltar por sobre as valetas de água e os velhos muros de tijolos. Eis aí. E nos enfiaríamos num bar para um coquetel de champanhe, e, depois, voltaríamos para jantar no La Rue e, nos fins de semana, iríamos caçar faisões em Sologne. Sim, sim, isso mesmo. E voaríamos para Nairóbi e para o velho Mathaiga Club, e, no inverno, teríamos uma pequena pescaria de salmão. Sim, sim, eis aí a coisa. E todas as noites na cama, juntos. Não é isso?

**DOROTHY**

Oh, meu bem, pense como seria bom! Você tem tanto dinheiro assim?

**PHILIP**

Eu tinha. Até que me meti neste negócio.

**DOROTHY**

E faremos tudo isso e Saint Moritz também?

**PHILIP**

Saint Moritz? Não seja vulgar. Kitzbühel, você quer dizer. Em Saint Moritz, a gente encontra certos tipos como Michael Arlen.

**DOROTHY**

Mas a gente não precisaria estar com ele, querido. Você poderia dar-lhe um gelo. E faremos, realmente, tudo isso?

**PHILIP**

Você quer?

**DOROTHY**

Oh, meu querido!

**PHILIP**

Gostaria também de ir à Hungria, no outono? Pode-se alugar lá, muito barato, uma pequena fazenda e pagar somente pelo que a gente caçasse. Nas planícies do Danúbio, há grandes revoadas de gansos. E você já esteve alguma vez em Lamu, onde há uma longa e alva praia, com as embarcações de um só mastro e velas latinas ancoradas de lado, e o vento a soprar, à noite, sobre as palmeiras? E o que me diz de Malindi, onde se pode deslizar em pranchas sobre as ondas, em direção à praia, e onde a monção de nordeste é agradável e fresca, e onde a gente não usa pijamas nem cobertas à noite? Você gostaria de Malindi.

**DOROTHY**

Eu sei que gostaria, Philip.

**PHILIP**

Será que você já esteve alguma vez no Sans Souci, em Havana, numa noite de sábado, para dançar no Pátio sob as palmeiras-reais? São cinzentas e erguem-se como colunas, e a gente passa lá a noite toda jogando dados, ou na roleta, e segue, já dia claro, para Jaimanitas, a fim de tomar o *breakfast*. Todas as pessoas se conhecem e é muito agradável e alegre.

**DOROTHY**

Podemos ir para lá?

**PHILIP**

Não.

**DOROTHY**

Por que não, Philip?

**PHILIP**

Porque não iremos a parte alguma.

**DOROTHY**

Por que não, querido?

**PHILIP**

Você poderá ir, se quiser. Eu lhe traçarei um itinerário.

**DOROTHY**

Mas por que não podemos ir juntos?

**PHILIP**

Você pode ir. Mas eu já estive em todos esses lugares e já os deixei para trás. E para onde vou, vou sozinho, ou com outros que vão lá pela mesma razão que eu.

**DOROTHY**

Eu não posso ir, também?

**PHILIP**

Não.

**DOROTHY**

E por que razão não posso ir, seja lá onde for? Eu poderia aprender e não tenho medo.

**PHILIP**

Uma das razões é que não sei onde é. E a outra é que eu não a levaria.

**DOROTHY**

Por que não?

**PHILIP**

Porque você é realmente inútil. Você não tem cultura, você é uma inútil, além de ser tola e preguiçosa.

**DOROTHY**

Eu talvez seja as outras coisas, mas inútil eu não sou.

**PHILIP**

Por que acha que não é inútil?

**DOROTHY**

Você sabe... ou deveria saber.  
(Está chorando.)

**PHILIP**

Oh, sim. Isso.

**DOROTHY**

E é só o que isso significa para você?

**PHILIP**

Essa é uma utilidade pela qual se tem de pagar um preço demasiado elevado.

**DOROTHY**

De modo que sou uma utilidade?

**PHILIP**

Sim, uma belíssima utilidade. A mais bela que jamais tive.

**DOROTHY**

Bem. Alegra-me ouvir você dizer isso. E alegro-me que seja dia claro. Agora, dê o fora daqui. Seu pretensioso, bêbedo pretensioso! Seu vaidoso ridículo, enfatuado! Seu utilidade! Jamais lhe ocorreu que você também seja uma utilidade? Uma utilidade pela qual não se devia pagar um preço demasiado alto?



**PHILIP**

(Rindo:)

Não. Mas eu o percebo, do modo como você o diz.

**DOROTHY**

Pois bem. Você o é! Você é uma mercadoria perfeitamente dispensável. Nunca está em casa. Passa as noites fora, sujo, enlameado, desregrado. Você é uma utilidade medonha! Apenas gostei do invólucro que a continha. Alegra-me que você vá embora.

**PHILIP**

Verdade?

**DOROTHY**

Sim, *verdade*. Você e sua utilidade... Mas não precisava referir-se a todos esses lugares, já que jamais iremos visitá-los.

**PHILIP**

Sinto muito. Isso não foi amável.

**DOROTHY**

Oh, não seja amável! Você é horrroso quando é amável. Somente gente amável deveria tentar ser amável. Você é horrível quando é amável. E você não tinha necessidade de referir-se a esses lugares durante o dia.

**PHILIP**

Desculpe-me.

**DOROTHY**

Oh, não se desculpe! Você é ainda pior quando se desculpa. Não suporto suas desculpas. Dê o fora daqui!

**PHILIP**

Bem, adeus.

*(Passa-lhe o braço pela cintura, para beijá-la.)*

**DOROTHY**

Não me beije! Você me beija e logo quer aproveitar a utilidade. Eu o conheço.

*(PHILIP abraça-a fortemente e beija-a.)*

Oh, Philip, Philip, Philip!

**PHILIP**

Adeus.

**DOROTHY**

Você... você... você hoje não a quer? A utilidade?

**PHILIP**

Não posso dar-me a tal luxo.

*(DOROTHY contorce-se, afastando-se dele.)*

**DOROTHY**

Vá-se embora, então.

**PHILIP**

Adeus.

**DOROTHY**

Oh, saia daqui!

(PHILIP cruza a porta e entra em seu quarto. MAX está ainda sentado na cadeira. No quarto contíguo, DOROTHY toca a sineta, chamando a criada.)

**MAX**

E então?

(PHILIP permanece de pé, fitando o fogareiro elétrico. MAX também olha o fogareiro. PETRA chega à porta do outro quarto.)

**PETRA**

Chamou, senhoriga?

(DOROTHY está sentada na cama. Tem a cabeça erguida, mas as lágrimas lhe correm pelo rosto. PETRA aproxima-se dela.)

Que é que há, senhoriga?

**DOROTHY**

Oh, Petra, ele é ruim, exatamente como você disse. Ele é malvado, malvado e mesquinho. E eu, como uma estúpida idiota, julguei que íamos ser felizes. Mas ele não presta!

**PETRA**

É verdade, señorita.

**DOROTHY**

Mas, Petra, o problema todo é que eu o amo.

(PETRA fica junto da cama em companhia de DOROTHY. No quarto 110, PHILIP está de pé junto do criado-mudo. Serve-se de uísque com água.)

**PHILIP**

Anita!

**ANITA**

(De dentro do banheiro:)

Sim, Philip.

**PHILIP**

Anita, venha cá assim que terminar seu banho.

**MAX**

Vou-me embora.

**PHILIP**

Não. Fique aqui.

**MAX**

Não. Não. Não. Por favor, preciso ir.

**PHILIP**

(Num tom de voz muito seco e firme:)

Anita, a água estava quente?

**ANITA**

(De dentro do banheiro:)

Foi um banho ótimo.

**MAX**

Vou-me embora. Por favor, por favor, por favor. Vou-me embora.

CORTINA

## Notas

\* Em inglês, *delight* significa deleite, prazer, gozo etc. (N.T.)

\*\* Como vai? (N.T.)

\*\*\* Bem. (N.T.)

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

# A quinta-coluna

## **Skoob do livro**

[http://www.skoob.com.br/livro/  
21793ED23596-a-quinta-coluna](http://www.skoob.com.br/livro/21793ED23596-a-quinta-coluna)

## **Wikipedia do autor**

[http://pt.wikipedia.org/wiki/  
Ernest\\_Hemingway](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ernest_Hemingway)



Capa

Do mesmo autor

Rosto

Créditos

Apresentação

Prefácio

## **PRIMEIRO ATO**

Cena 1

Cena 2

Cena 3

## **SEGUNDO ATO**

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

## **TERCEIRO ATO**

Cena 1

Cena 2

Cena 3

Cena 4

Colofão

Saiba mais